



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE
SEXUALIDADE

MARIA ELENITA LIMA

CAJAZEIRAS – PB
OUTUBRO 2016

MARIA ELENITA LIMA

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE
SEXUALIDADE

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ane Cristine Hermínio Cunha

CAJAZEIRAS – PB
OUTUBRO 2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L732c Lima, Maria Elenita.
As concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade
/ Maria Elenita Lima. - Cajazeiras, 2016.
80p. : il.
Bibliografia.

Orientador: Profa. Ma. Ane Cristine Hermínio Cunha.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Sexualidade. 2. Educação infantil. 3. Professores. I. Cunha, Ane
Cristine Hermínio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 612.6.057

MARIA ELENITA LIMA

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE
SEXUALIDADE

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Data de aprovação: ___/___/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ane Cristine Hermínio cunha
(UAE-UFCG - Orientadora)

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
Membro Titular - UAE/CFP/UFCG

Prof^ª. Dr^ª. Maria Janete de Lima
Membro Titular - UAE/CFP/UFCG

“Cada escolha, por menor que seja é uma forma de semente que lançamos sobre o canteiro que somos. Um dia, tudo o que agora silenciosamente plantamos, ou deixamos plantar em nós, será a planta que poderá ser vista de longe...”

(Padre Fábio de Melo)

Dedico esse trabalho, primeiramente a **Deus**, aos meus pais Maria do Socorro e José Nilson, a meu noivo Fábio, meus irmãos Elenice, Emilane, Elane e Eduardo, a minha orientadora Ane Cristine e a todos meus familiares e amigos, pelo apoio e dedicação para a conclusão de mais uma etapa a ser conquistada em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me iluminou, proporcionando sabedoria, força, coragem, perseverança e por fim a vitória, em meio a tantas dificuldades que surgiram no decorrer do trabalho. Uma proteção de pai, envolvida pela interseção da virgem Maria.

Ao meu pai, José Nilson, pela força e coragem de seguir em frente, por ser esse homem batalhador, que há tantos anos luta pela vida, um exemplo de superação, que sempre me motivou a seguir em frente. A minha mãe, Maria do Socorro, pelo carinho, dedicação e amor, em todos os momentos, a maior incentivadora da minha jornada acadêmica, enfim agradeço pelo apoio que me foi essencial nessa jornada de aprendizado e conquistas.

Ao meu noivo, Fábio, pelo amor, que me permite ser uma mulher mais forte, pelo carinho, dedicação e companheirismo em todas as horas. Uma benção de alegria, que me tornou uma pessoa melhor e forte, para enfrentar os obstáculos da vida. Só tenho a agradecer pelos melhores dias que tem me proporcionado.

Aos meus irmãos Elenice, Emilane, Elane e Eduardo, pela dedicação e carinho, me proporcionando uma mão amiga nos momentos difíceis, sempre me impulsionando a novas conquistas, fico grata por terem me encorajado sempre para a finalização dessa nova etapa de minha vida.

As minhas sobrinhas, Melyssa e Alice, pela luz que transmitem em minha vida, pelo amor fraterno e verdadeiro, pelo carinho que me dá forças nas dificuldades que encontro no decorrer da vida.

A todos os meus familiares, pela dedicação e pelo incentivo, nos momentos em que precisei, compreendendo com paciência nos momentos em que permaneci distante do convívio da família.

As minhas amigas e companheiras, Ítala, Jéssica, Camila e Janallice, que me ajudaram em todos os momentos do curso, tornando-se um alicerce de grandes amizades que perdurarão por toda vida, companheiras fieis não só de trabalhos, permitindo um elo de companheirismo e dedicação.

A todos os professores do curso de licenciatura em pedagogia da UFCG- campos Cajazeiras, pelas orientações e aprendizagens que me proporcionaram durante toda a jornada, uma vasta busca de conhecimento.

A todos os professores entrevistados da cidade de Santa Helena- PB, pela receptividade e apoio na realização da minha coleta de dados, recebendo-me com disponibilidade, colaborando e participando dessa etapa.

Em especial, à professora orientadora e amiga, Ane Cristine Hermínio Cunha, pela paciência e apoio que teve comigo, durante toda a escolha do tema, até os momentos finais deste curso, auxiliando em minha formação como futura pedagoga, contribuindo para minha transformação profissional, acreditando em mim, ouvindo-me pacientemente, esclarecendo as minhas dúvidas, partilhando comigo as suas ideias. Com esse momento, quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua capacidade profissional e minha imensa gratidão pela forma afetuosa com que conduziu minha orientação.

Por fim, a todos que contribuíram de forma direta e indireta, para a realização dessa nova etapa de conhecimento, obrigada.

RESUMO

A sexualidade é um tema abrangente que influencia ações e pensamentos, como também influencia a maneira de se vestir e a forma como agimos e reagimos às outras pessoas no convívio social. A sexualidade está presente na vida desde o momento da fecundação e sofre inúmeras transformações ao longo da vida. A sexualidade é inata, no entanto, ela se manifesta de diferentes maneiras em grupos sociais diferentes e, algumas vezes, até mesmo dentro de um mesmo grupo social. O paradigma que alicerça este trabalho é a concepção de que a sexualidade é construída socialmente. O objetivo desta pesquisa foi analisar as concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade. A pesquisa se orientou pela abordagem qualitativa, cuja estratégia se pautou em uma entrevista semiestruturada, contendo 15 perguntas, permitindo uma conversa frente a frente entre o entrevistador e o entrevistado. O estudo se caracterizou ainda como uma pesquisa de campo, realizada no período de junho de 2016, envolvendo 05 professores de educação infantil da cidade de Santa Helena - PB. Os resultados mostraram que os conceitos de sexualidade desses professores são pontuais, enfocando aspectos bem específicos dessa temática. O conceito de gênero foi focado enquanto resultado de uma construção social, no entanto, estes professores afirmaram que não se sentiam preparados para abordar o assunto em sala de aula. A representação das características masculinas e femininas é polarizada em 4 dos entrevistados. A menina é descrita como sendo mais sensível e o menino como mais ativo. Os entrevistados relatam falta de informação e que se sentiam despreparados para trabalhar com o tema em sala de aula.

Palavras - chave: Sexualidade. Educação Infantil. Professores.

ABSTRACT

Sexuality is a comprehensive theme which influences actions and thoughts, it also influences the way you dress and how we act and react to other people in social life. The sexuality is present in life from the moment of fertilization and undergoes numerous changes throughout life. Sexuality is innate, however, it manifests itself in different ways in different social groups and sometimes even within the same social group. The paradigm that underpins this work is the conception that sexuality is socially constructed. The objective of this research was to analyze the conception of teachers of early childhood education on the theme of sexuality. The research was guided by the qualitative approach, whose strategy was based on a semi-structured interview, containing 15 questions, allowing for a conversation face to face between the interviewer and the interviewed. The study is also characterized as a field research, in the period of June 2016, involving 05 teachers of early childhood education in the city of Santa Helena- PB. The results showed that the sexuality concepts of these teachers are punctual, by focusing on very specific aspects of this theme. The concept of gender was focused on as a result of a social construction; however, these teachers said they did not feel prepared to approach the subject in the classroom. The representation of male and female characteristics is polarized in four of the interviewees. The girl is described as being more sensitive and the boy as more active. The interviewees reported a lack of information and that they felt not prepared to work with the theme in the classroom.

Key - words: Sexuality. Early Childhood Education. Teachers.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

HIV– Vírus da Imunodeficiência Humana.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério de Educação e Cultura.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PNE – Plano Nacional de Educação.

PLC – Projeto de Lei da Câmara.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Conceito de sexualidade.....	41
QUADRO 2 – Sexualidade.....	43
QUADRO 3 – Idade certa para falar sobre sexualidade.....	45
QUADRO 4 – Conceito de gênero.....	47
QUADRO 5 – Diferença entre meninos e meninas.....	49
QUADRO 6 – Características das meninas.....	51
QUADRO 7 – Características dos meninos.....	53
QUADRO 8 – Brincadeiras preferidas pelas meninas.....	55
QUADRO 9 – Brincadeiras preferidas pelos meninos.....	57
QUADRO 10 – Formação continuada.....	59
QUADRO 11 – O que os alunos perguntam sobre sexualidade?.....	61
QUADRO 12 – Indagações mais frequentes sobre sexualidade.....	63
QUADRO 13 – Temas sobre sexualidade contemplados no planejamento anual.....	65
QUADRO 14 – Temas abordados na temática de sexualidade.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. APORTE TEÓRICO	18
1.1 SEXUALIDADE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO HUMANA.....	18
1.2 SEXUALIDADE E GÊNERO: REFLEXÕES NOS CURRÍCULOS ESCOLARES.....	22
1.3 DISCUSSÕES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL: DA CURIOSIDADE À APRENDIZAGEM.....	24
1.4 SEXUALIDADE INFANTIL, NOS ESPAÇOS ESCOLARES.....	28
1.5 RELAÇÕES DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
2. METODOLOGIA	37
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO LOCUS.....	39
3.2 DISCUSSÃO DOS DADOS.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
5. REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema abrangente que influencia ações e pensamentos como a maneira de se vestir e o convívio com outras pessoas em meio à sociedade. Alguns professores, quando são questionados sobre o tema sexualidade pelas crianças, desconversam e mudam de assunto, vimos que mesmo depois de muitos avanços neste campo de estudos, muitos professores se limitam à discussões sobre gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis.

Até os seis anos, a sexualidade nas crianças caracteriza-se como uma fase de descoberta do corpo. Elas descobrem o próprio corpo e observam as diferenças entre o sexo feminino e masculino, fato que, na maioria das vezes, os professores não percebem. Segundo BRASIL (2001, p. 117), “A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância”.

A sexualidade é marcada por muitas mudanças, orientando diversas compreensões que não se restringem apenas ao sexo propriamente dito. Sobre isso, Freud (1901 a 1905/2006) destaca as sensações que permitem prazer às crianças desde muito pequenas, como o contato com o seio da mãe, colocar o dedo na boca, chupar chupeta, entre outras. É importante a atitude das pessoas que estão próximas às crianças, visto que o ambiente influencia de certa forma, a postura de ser de cada indivíduo.

As discussões sobre sexualidade em sala de aula é um dilema vivido na maioria das escolas, sendo marcado por muitas polêmicas, resultado de diversos fatores. Os professores em sua maioria não possuem conhecimento do assunto e polemizam os questionamentos das crianças. Não compreendem o que está sendo perguntado e confundem ainda mais as crianças ou respondem o que ainda as crianças não têm conhecimento.

Sabe-se que as relações estabelecidas na nossa sociedade transmite o padrão da heterossexualidade como algo positivo e natural ao ser humano, a homossexualidade está associada à anormalidade e a doença. A concepção da identidade heterossexual como algo inato recusa qualquer identidade seja ela de raça, cor, etnia e de gênero, como uma construção social.

A ideia de que a sexualidade é uma construção social se opõe a crença de que as crianças possuem uma inocência que se modifica aos poucos através da ação dos adultos, seja de forma positiva ou negativa. A discussão sobre gênero é antes de tudo um meio de atribuir algo novo a nossa história de vida. De acordo com BRASIL (2001, p. 35), “A discussão sobre

gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilidade desses papéis”.

A escola tem um papel muito importante na construção da identidade das crianças e do adolescente. Nessa ótica, Louro (2013) afirma que a escola nesse processo, possui um papel importante e ao mesmo tempo muito difícil, pois precisa incentivar o debate sobre a sexualidade das crianças, levando em consideração seus medos, suas dúvidas, contribuindo de forma significativa para seu processo de desenvolvimento pessoal.

O interesse pela temática surgiu após uma pequena experiência como professora auxiliar, por um ano, em uma escola da rede municipal de ensino, na zona rural da cidade de Santa Helena- PB. Um fato ocorrido em sala deixou-me intrigada, e sem saber como me posicionar diante das indagações feitas pelas crianças. As mesmas esperavam uma resposta conclusiva, mas naquele momento não soube me posicionar diante dos seguintes questionamentos: como os bebês iam parar na barriga das mães? Como seria o nascimento dos bebês?

As dúvidas das crianças dizem respeito às indagações de como foram gerados até o nascimento. Além de presenciar questionamentos e discussões entre as crianças a respeito de brinquedos que manuseavam durante o momento de recreação, quando entravam em atritos separando brinquedos em que rotulavam ser de menino ou menina. Vale salientar que as crianças fazem suas próprias teorias a respeito do tema.

Em consequência dessa experiência, ingressei no curso de pedagogia. Através da disciplina Psicologia da Educação, tive oportunidade de ter uma noção mais profunda sobre a temática, desde então, as aulas me despertaram um interesse em pesquisar mais. As indagações que foram surgindo no decorrer da disciplina me encorajaram a aprofundar sobre o tema, possibilitando um caminho mais amplo no processo de pesquisa e no caminho da investigação acerca da temática.

Nos últimos 50 anos, a sexualidade foi abordada, debatida e estudada por muitos autores que destacaram conceitos diferenciados sobre o assunto, que serviram de aprofundamento para a discussão deste trabalho. Nesse sentido, foram selecionadas algumas bases teóricas para ampliar e fornecer subsídios para a pesquisa, dentre eles podemos citar: Louro (1997), (2008), (2013), Freud, (1901 a 1905/2006), (1940), Foucault (1988), Heilborn (2002), Heilborn e Brandão (1999), Heilborn e Prado (1995), Silva (2013), Rodrigues (2003), Felipe e Guizzo (2013). Além desses referenciais, destacam-se as considerações presentes nos PCNs (2001).

A partir desse suporte teórico, percebemos que a participação dos professores de educação infantil destaca-se como elemento importante de apoio para desenvolvimento do tema em questão. Dessa maneira, o alvo para a elaboração deste trabalho de pesquisa surgiu mediante a indagação: quais as concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade?

Nessa perspectiva, realizamos alguns estudos e reflexões partidas do objetivo geral: analisar as concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade, na cidade de Santa Helena- PB, através de uma entrevista semiestruturada.

Diante do exposto, foram propostos os seguintes objetivos específicos: designar os conceitos de masculino e feminino dos professores; descrever que aspectos da sexualidade são abordados, por estes professores, em sala de aula e identificar como os professores definem alguns conceitos relacionados ao tema sexualidade. Na perspectiva de conhecer a concepção desses professores sobre a temática estudada.

O texto apresentado neste trabalho está dividido e organizado em 04 capítulos: a abordagem teórica, em um capítulo seguido de cinco “sub-tópicos”, a metodologia da pesquisa, as análises de dados e por último as considerações do estudo.

No primeiro capítulo apresenta-se o referencial teórico desta pesquisa, composto por 05 sub-tópicos. A princípio, discutem-se as construções históricas da sexualidade. Em seguida, destaca-se o ensino sobre sexualidade e gênero, a partir de uma observação dos currículos escolares, além disso, apresentam-se as discussões sobre a implantação dos temas a partir da orientação sexual no Plano Nacional de Educação PNE (2014). Ressalta-se a questão da curiosidade infantil como ponto de partida para a discussão e aprendizagem da sexualidade em sala de aula.

Ainda no primeiro capítulo retrata-se a sexualidade infantil nos espaços escolares, tem como finalidade transmitir a visão da escola, referente à questão da sexualidade, de acordo com a curiosidade das crianças. Por fim, debatem-se as relações de gêneros na educação infantil, culturalmente construídas pela sociedade na qual estamos inseridos. Desse modo, todas as discussões apresentadas, são embasadas pelas concepções dos autores acerca das temáticas apresentadas.

No segundo capítulo, expõe-se a metodologia da pesquisa e apresenta-se o instrumento de coleta de dados. A pesquisa se norteou pela abordagem qualitativa e descritiva, utilizando como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, incluindo 15 (quinze) perguntas, no qual permitiu uma conversa face a face, entre entrevistador e o entrevistado,

aproximando-se de um diálogo. O estudo se caracterizou como uma pesquisa de campo, buscando informações diretas com os pesquisados, no mês de junho de 2016, envolvendo 05 (cinco) professores de educação infantil da cidade de Santa Helena- PB.

No terceiro capítulo, apresentamos as análises dos dados obtidos na pesquisa, com foco nas concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade; a sua visão sobre a idade certa para falar sobre o tema na escola, o seu entendimento sobre o conceito de gênero, e por fim, a percepção dos professores sobre as brincadeiras e características preferidas de meninos e meninas.

Por fim, no quarto capítulo, apresentamos nossas considerações finais, enfocando a falta de preparação dos professores para trabalhar a temática, guiados apenas por uma disciplina na graduação, além da preferência de não trabalhar a sexualidade na sala de aula, salvo em casos de propostas educativas municipais.

1. APORTE TEÓRICO

1.1 SEXUALIDADES: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO HUMANA.

A sexualidade é uma construção histórica. Ela está presente a partir do início de nossas vidas até a morte, manifestando-se de forma diferente, pois a conduta de cada indivíduo vai sendo construída por meio de suas relações com o meio em que está inserido. Desse modo, as discussões sobre o tema sexualidade comportam várias informações bem como trazem inúmeros temas para reflexão e questionamentos, abrangendo diversificados temas como reprodução, afetividade, relações de gênero entre outros, envolvendo aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos.

A sexualidade é marcada pela cultura e pela construção histórica de cada sociedade, por meio de imposições de regras, que influenciam o comportamento dos indivíduos, uma dimensão humana que permanece ao longo de toda a vida. De acordo com BRASIL (2001, p. 117 e 118), “A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura”.

Atualmente, a sexualidade é um tema que origina muitos estudos, tendo uma grande importância em todas as fases de nosso desenvolvimento. Vale salientar a importância da pesquisa sobre o tema, a busca por quebrar as barreiras presentes em nossa sociedade, a sexualidade é entendida como uma construção social, remetendo-nos a fatores históricos e sociais. Nesta perspectiva, conforme BRASIL (2001), a sexualidade está sempre em nossas vidas, pois “nos acompanha desde o nascimento até a morte”.

O termo sexualidade nos remete a um mundo relativo e pessoal, no entanto se constrói em cada sujeito fortemente influenciado pelo meio social, sendo o traço mais íntimo do ser humano que se manifesta de forma diferente em cada indivíduo. Como diz Freud (1940, p. 227), “o único e exclusivo impulso destas pulsões são no sentido da satisfação, a qual se espera que surja de certas modificações nos órgãos, com o auxílio do mundo externo”. A característica sexual de cada indivíduo tende a se expressar na realidade e experiências vividas pelo mesmo.

Para Marcal (2013), a sexualidade começa desde a infância, passa à puberdade até a vida adulta, mas para muitos, ela está condicionada ao pensamento de que sexualidade propriamente dita e o sexo são as mesmas coisas. A sexualidade permite uma busca por prazeres, não somente sexuais, mas um tipo qualquer de prazer, pode também incluir

descobertas sentidas pelo simples contato, toque e também atração por outras pessoas, entre outras características.

Foucault foi um dos pioneiros a abordar a sexualidade como espaço de exercício de poder, confrontando-se com a moral da época. Para ele, a sexualidade humana abrange algumas dimensões, não só do ato sexual ou apenas reprodução, mas comporta áreas psicossociais, biológicas entre outras. Essa concepção é produto da visão moralista imposta pela sociedade e possui uma importância relevante no desenvolvimento psíquico de cada indivíduo, além da potência da reprodução estar relacionada com o prazer, algo fundamental à vida humana. Segundo Foucault, (1988, p. 32):

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar — do lado da "extravagância", depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das "fraudes contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes "crapulosos" e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo [...].

A investigação teórica de Foucault se debruça sobre tais aspectos para descrever e alargar um campo de visão acerca dos discursos e normatizações históricas, morais, religiosas e jurídicas que, ao longo da história, acompanharam esse assunto e se estendem até a modernidade. A partir do século XVII, discute-se esse tema inicialmente até desvinculado de normatizações e controles rígidos.

No entanto, do século XVII ao XIX, o autor analisa o movimento de repressão que gira em torno da sexualidade e que gerou uma série de decretos e normas para a sexualidade do casal, dentro do matrimônio, e para as novas práticas e novas formas de experimentar a sexualidade, graças ao surgimento de novos "sujeitos da sexualidade", como: os homossexuais, os maníacos compulsivos e hermafroditas, dentre outros.

Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, os discursos sobre a sexualidade passam a adquirir um enfoque mais sistematizado, muito embora, sendo bastante regulado e vigiado pelas instituições sociais e religiosas, que de início modelam o que podemos chamar de família tradicional. Desse modo, Foucault (1988, p. 10) enfatiza que:

No espaço social como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

O autor ao longo de suas discussões elabora seu pensamento acerca da sexualidade, como prática de repressão, tomando como base os motivos implícitos, que estariam ligados a essa ideia de proibição, pois a partir do conjunto de leis, regulamentos e prescrições montados pela norma social do comportamento, o componente da sexualidade passa a ser visto como elemento que precisa ser moldado por esses códigos sociais.

A sexualidade também implica uma relação política e de poder, visto ser uma forma pela qual a sociedade humana se reproduz e elabora seus discursos e pontos de vista sobre o mundo. Além disso, o conhecimento acerca do prazer e exploração livre do próprio corpo traz em si mesmo uma atitude de revolução e liberdade do sujeito para poder desfrutar livremente de sua sexualidade.

Os estudos sobre a sexualidade também são motivos de certos constrangimentos e curiosidades, visto ser um assunto, que envolve conceitos como moral, pudor e normatizações sociais. Assim, ao abordar essa temática, muitas vezes, podemos ter a sensação de estarmos desrespeitando uma moral vigente, que procura camuflar aquilo que, em tese, se pensa estar escondido.

A sexualidade é algo relacionado à intimidade, refletida em diversas formas de carinho por meio das relações afetivas, estando presente em todo processo de evolução da humanidade, sem restrição de cor ou raça. Assim, como afirma Louro (2008, p. 81), “A sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. Portanto, a sexualidade é algo que está em nossa conduta e, aos poucos, vai sofrendo alteração a partir da influência do meio.

Com o desenvolvimento entre as ciências sociais, os estudos sobre a sexualidade, por meio da sociologia e da antropologia, tiveram grandes investimentos. A sociologia tem contribuído sobre a averiguação da conduta sexual dos indivíduos, já a antropologia, inicialmente, tem buscado definições detalhadas, por meio dos valores e os saberes dos grupos sociais definidos, nos quais seus estudos não são recentes. A investigação da proporção da sexualidade está associada à reprodução biológica, as relações de parentesco, a religiosidade, entre outros, na busca do conhecimento dos diferentes modos de organização dos grupos de indivíduos e suas particularidades.

A antropologia é a disciplina que estuda as diversidades culturais existentes nas diferentes sociedades, partindo do pressuposto que é a cultura que tem a capacidade de humanizar as pessoas, produzindo em cada indivíduo sentidos diversificados.

Desse modo, segundo Elias (1994, *apud* HEILBORN, 2002, p. 5), “Pode-se deduzir, em consequência, a fraca determinação da natureza na definição de natureza de comportamentos, sociais, a espécie humana é essencialmente dependente da socialização”. Partindo dos estudos da antropologia, a condição de ser homem ou mulher é uma construção cultural, que aos poucos vai sofrendo interferência do meio, sendo produto da sociedade, suas condutas e reflexões não são provenientes de uma natureza exatamente biológica.

A sociedade é parcialmente organizada por critérios de distinções de gêneros que envolvem conhecimentos diferentes para homens e mulheres. Levando em consideração outros fatores de organização, somadas às diferenças entre os gêneros, permanecem as classes sociais diferentes, a raça, a religião, entre outras questões que permitem diferenciação em nossa sociedade. Para tanto, a inserção do indivíduo em diferentes espaços sociais estabelece o jeito próprio de ver o mundo ao seu redor, permitindo-lhe fazer suas próprias escolhas socialmente.

As autoras Heilborn e Brandão (1999) apontam que, a sexualidade só foi desvinculada da reprodução biológica após o progresso nos métodos contraceptivos, por volta dos anos 60, e no começo da epidemia do vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Posteriormente a AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), precisamente na década de 80, propiciou novos incentivos para investigar o sistema de práticas e representações, atreladas à sexualidade.

Nesta perspectiva, Heilborn e Prado (1995) enfatizam que os incentivos nas pesquisas sociológicas, em relação ao comportamento sexual, tiveram um grande avanço, em virtude da epidemia do vírus HIV, que provoca graves danos ao sistema imunológico do ser humano e cujo principal meio de transmissão é o ato sexual. Mesmo com todas as informações disponibilizadas, as taxas de transmissões ainda são altas, devido ao não uso do preservativo nas relações sexuais.

Desse modo, Parker (1994, *apud* HEILBORN e BRANDÃO, 1999, p. 3) descreve que: “o sexual não se restringe à dimensão reprodutiva, tampouco à psíquica, estando impregnados de convenções culturais, acerca do que consistem a excitação e a satisfação eróticas, construtos simbólicos, que modelam as próprias sensações físicas”. O desvelamento da sexualidade sofre grande aversão por marcar o íntimo do indivíduo contemporâneo.

As questões referentes à sexualidade consistiram nas marcas enfrentadas em meio a duas oposições designadas de essencialismo¹ e construtivismo social.² No entanto, com distinção unidimensional, o que torna as concepções diferentes. Contudo, Heilborn e Brandão (1999) expõem algumas reflexões no estudo sobre esses dois paradigmas, presentes na sexualidade, afirmando que o essencialismo parte da convicção de que a sexualidade é inseparável da natureza humana, por meio de uma aptidão inata ou energia sexual que guia as ações, restringindo-se a uma construção fisiológica para benefício da reprodução da espécie.

Já o construtivismo social, unifica enfoques buscando problematizar a universalidade do instinto sexual, evidenciando uma forma existente culturalmente peculiar, visada pelos ocidentais como a sexualidade que compreende os contatos do corpo através de pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto, vinculado ou não à reprodução, proporcionando reações distintas entre as culturas.

A sexualidade teve um grande avanço a partir de estudos realizados sobre gênero, tais vinculações vão se estreitando por meio dos movimentos sociais, como feminismo e a liberdade homossexual, marcando de forma intensa o estreitamento com as ciências sociais, que enfatizam a não existência de uma razão universal sobre a conduta e o real significado do que seja o sexual.

1.2 ENSINO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO: REFLEXÕES NOS CURRÍCULOS ESCOLARES.

Durante muitos anos, foi estudada a inclusão do tema da sexualidade nos currículos escolares brasileiros. Desse modo, no ano de 1960, determinadas escolas decidiram introduzir o conteúdo da educação sexual em seu currículo de ensino, mas apenas no ano de 1970 foi incluída obrigatoriamente nos currículos de ensino, a educação sexual. Entretanto, o ensino sobre esse tema não cabe apenas à escola, os pais são os principais responsáveis pela educação das crianças, assim, a escola passa a ter um papel complementar para esse caminho de construção.

¹ O essencialismo, por sua vez, seria a crítica que os construtivistas fazem à ideia de existência de um instinto sexual na natureza humana, que funcionaria a despeito do tipo de organização cultural.

² O construtivismo social aplicado a sexualidade. O primeiro, denominado modelo de influencia cultural, parte da premissa de que há uma partilha fundamental entre corpo e razão, na qual o corpo permanece como uma espécie de substrato ao qual a cultura se propõe [...]. O segundo modelo é mais enfático, postulando que o domínio do sexual, do erótico ou das sensações do corpo é puro efeito de construções culturais.

As questões referentes à sexualidade são tratadas como tabu, mantendo grandes discussões, envolvendo as visões sociais, educacionais e religiosas. Mesmo com tantos avanços, o tema sexualidade ainda está ganhando espaço na educação escolar. Para um melhor desenvolvimento nas escolas, a Câmara dos Deputados aprovou a ideologia de gênero como uma diretriz na educação nacional, para os próximos 10 anos, sendo uma diretriz obrigatória no artigo 2, inciso III do Plano Nacional de Educação PNE (2014).

Após grandes discussões, os senadores modificaram as orientações apresentadas pelos deputados, assim apoiando a obrigatoriedade da orientação sexual, de ideologia de gênero e identidade de gênero para alunos. O PNE foi sancionado no mês de junho do ano de 2014, pela presidente Dilma Rousseff, o qual define que todas as cidades têm um ano para atualizar seus planos municipais de educação, além disso, antecipa orientações contrárias à discriminação contra os gays e lésbicas nas escolas, destacando a precisão de definir meios para evitar a evasão escolar em virtude da orientação sexual e da identidade de gênero.

Mesmo com a obrigatoriedade no PNE, alguns estados não apoiaram o ensino da ideologia de gênero como meta para seus planos educacionais. As câmaras de vereadores em sessões plenárias votaram contra essa obrigatoriedade, afirmando ser um tema polêmico. Algumas cidades foram contra no Estado da Paraíba, a exemplo temos a cidade de Sousa, onde por meio de sessão para debater o PNE, alguns vereadores votaram contra essa obrigatoriedade, vetando a orientação para o município, a sessão teve a participação da comunidade, pais e poderes religiosos da cidade. Os vereadores afirmam ser contra ao projeto porque o mesmo orientaria as crianças a não terem a sua própria sexualidade.

Além das discussões em câmaras federais, estaduais e municipais, ainda estão presentes as visões religiosas sobre o tema. A sexualidade é debatida e discutida e também já foi abordada em alguns documentos do Magistério Católico. A igreja também destacou sua opinião em relação à implantação da ideologia de gênero no PNE, manifestando uma profunda preocupação em favor dessa implantação em nosso país.

A igreja ressalta que a ideologia de gênero afirma que não nascemos homem ou mulher, e que a opção acontece depois, por meio natural, uma escolha de cada indivíduo. Em vista disso, a igreja expõe a sexualidade como algo que nos foi dada para a união entre homem e mulher, baseada no amor e também no compromisso para a edificação de uma vida a dois, movida pelo respeito e na construção da família.

A igreja aponta que a sexualidade é um dom criado por Deus, mas não podemos esquecer que tem função com o desenvolvimento do ser humano. O Papa Francisco em seus

pronunciamentos no site UOL notícias (2016) expõe que: "O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para suas criaturas. De nenhuma maneira podemos achar que a dimensão erótica do amor é um mal permitido ou um peso a ser suportado pelo bem da família, mas sim como um dom de Deus que embeleza o encontro entre esposos".

O Papa Francisco é visto entre muitos fiéis como liberal, por ser um Papa *progressista*, que não alinha a dogmas conservadores, mostrando-se aberto a novas ideias, como líder católico afirmou que as juventudes devem receber uma educação sexual respeitada. No entanto, critica a educação sexual voltada apenas para o sexo seguro e afirma que uma criança não é um inimigo, mas a continuação da vida.

O Papa Francisco segue o mesmo pensamento do Papa Bento XVI, ambos afirmam que a ideologia de gênero consiste em um equívoco da mente do ser humano, provocando grandes confusões, enfatizando ser um ataque à família, não concordando com essa implantação. Em suas falas, afirma que a ideologia de gênero é fato “contrário aos propósitos de Deus”.

Por meio de tantas discussões para amenizar as discriminações sexuais existentes, foi criado um projeto de conscientização para que as pessoas respeitem as diferenças, cada indivíduo precisa ser consciente que não tem o direito de discriminar alguém pelo fato de sua orientação sexual ou pela identidade de gênero ser diferente. Assim, foi criado o Projeto de Lei da Câmara (PLC) n.º 122/06 causando um grande efeito ao declarar para a sociedade brasileira que não tolera discriminações.

1.3 DISCUSSÕES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL: DA CURIOSIDADE À APRENDIZAGEM

São muitos os questionamentos acerca da sexualidade infantil, as indagações são pertinentes a uma questão central, a ligação com o erotismo ou relação sexual. Partindo desse pressuposto, afirma-se o não aparecimento da sexualidade na infância. A curiosidade das crianças em saber como nascem os bebês, toques nas suas genitais e de seus colegas querendo saber por que são diferentes, o prazer na amamentação e em chupar chupeta, o controle dos esfíncteres (controle das fezes e da urina), brincar de namoradinho, beijos e carinhos nos coleguinhas, são formas de apresentação da sexualidade na infância. Segundo Freud (1901 a

1905/2006), as crianças vão descobrindo seu próprio corpo, e assim, conhecendo como ele pode lhe permitir prazer.

Assim, Guimarães (2012, p.54) descreve:

Os principais estudos freudianos acerca desse tema consideram três aspectos relevantes: que a vida sexual inicia-se logo após o nascimento, que há uma distinção clara entre os conceitos de sexual e genital e que, por fim, a vida sexual abrange a função de obter prazer das zonas do corpo.

Freud foi um dos primeiros a investigar a exploração dos prazeres sexuais corporais na infância, criou a teoria da Psicanálise que aborda a sexualidade infantil, rompendo paradigmas da época, provocando grande espanto na sociedade conservadora. No final do século XIX e início do século XX, as crianças eram vistas como símbolos de pureza, assexuada e inocente. Entretanto, como já se sabe, a sexualidade está presente na vida da criança, é neste período que se inicia a busca do saber e da investigação por algo novo. De acordo com Freud (1901 a 1905/2006, p. 183):

Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles.

Os estudos de Freud serviram como ponto de partida para o aprofundamento científico da sexualidade humana. Nesse contexto, ao longo dos anos a sociedade vem compreendendo as diferentes expressões sexuais infantis. Apesar destas mudanças, a sexualidade ainda é um tema que busca uma construção teórica crítica, por ser amplo e abranger muitos fatores.

Em tese, a sexualidade tem início na puberdade, especificamente na adolescência aos 12 anos, mas na prática, não acontece dessa forma. Por meio de muitos estudos sabe-se que a sexualidade está presente desde a infância. Freud fundamentou tal reconhecimento, considerando que a sexualidade vem a partir do nascimento. Para esclarecer tais argumentos Freud (1970, p. 39-40) se pronunciou sobre os estudos, por ele realizados com a seguinte fala:

Mas, agora sim, estou realmente certo do espanto dos ouvintes: “existe então perguntarão- uma sexualidade infantil?” “A infância não é, ao contrário, o período da vida marcado pela ausência do instinto sexual?” Não meus senhores. Não é verdade certamente que o instinto sexual, na puberdade, entre no indivíduo como, segundo o Evangelho, os demônios nos porcos. A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provêm, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao

contrário, deixa-las passar despercebidos ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave”.

Os estudos de Freud foram fundamentais para que hoje possamos reconhecer que a sexualidade está presente na infância, ele foi o primeiro a considerar a sexualidade como algo natural em crianças. Freud estabeleceu os períodos e as fases, acreditando que as crianças passavam por fases ou eram interrompidas por outras com a entrada de uma nova.

O ser humano em toda a sua caminhada apresenta-se em constantes transformações, incluindo o desenvolvimento da sexualidade. Conforme Marcal (2013), não existe nenhum problema com a sexualidade, mas em como ela está sendo trabalhada em nosso meio, pois vivemos em uma sociedade, que tende a procurar uma proteção contra a própria sexualidade.

Segundo Freud (1901 a 1905/2006), a sexualidade vem evoluindo em etapas de desenvolvimento denominadas “fases”. Cada uma delas valoriza o prazer sentido em cada região do corpo. A primeira fase, Freud (1901 a 1905/2006) denominou como “oral”, caracterizada no primeiro ano de vida, e estendendo-se até os dois anos de idade. Nela, as crianças concentram as sensações de prazer na região da boca, por meio da mama, no seio da mãe ou na mamadeira e também chupando chupeta, sendo esta a primeira ligação afetiva com o meio externo.

A segunda fase é a “anal”, ocorrendo entre os dois a três anos de idade. Nessa fase, a criança começa a ter controle dos esfíncteres, a zona de maior satisfação é o anus, aprendendo assim, a controlar suas fezes e reter a urina. Desse modo, Freud (1901 a 1905/ 2006, p. 175) descreve que “Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais”. É nesse período que as crianças começam a criar suas próprias fantasias sobre o que elas mesmas produzem, ou seja, as fezes.

Em seguida, as crianças passam pela fase “fálica”, ocorrendo por volta dos três a seis anos de idade, a atenção é voltada para a região genital, o interesse é na manipulação dos órgãos genitais, fase essa ligada ao complexo de Édipo. Na quarta fase instaura-se o período de “latência”, inicia-se dos seis aos onze anos, também chamado de o ciclo de sublimação, isto é, da canalização da libido para o desenvolvimento social, permanecendo até a puberdade.

Desse modo, Freud (1901 a 1905/2006, p. 167) ao descrever o período de latência, compara esta repressão da energia sexual a diques, afirmando que “durante esse período de latência total ou parcial, erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso em forma de diques”.

E por último, a quinta fase é a “genital”, a partir de onze anos. Inicia-se na puberdade, estando presentes os impulsos sexuais, a atenção do indivíduo passa da masturbação para a relação sexual, caracterizando-se como uma etapa de transição para assumir a fase adulta. Desse modo, essa separação de fases é vista por muitos pesquisadores com bons olhos, tendo a contribuição de colaborar com a compreensão acerca da sexualidade infantil e seu amadurecimento.

A sexualidade infantil possui uma natureza dinâmica e mutável e seu desenvolvimento é marcado por culturas e atribuições da sociedade, as quais impõem regras, que influenciam o comportamento de cada indivíduo. Portanto, a sexualidade é uma dimensão que segue o ser humano ao longo de sua vida, cercado de tudo que vemos e recebemos da interação escola, família e comunidade, que adquirimos desde a infância, quando acontecem os primeiros desenvolvimentos sexuais. De acordo com BRASIL (2001, p.117):

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.

Vale salientar a importância de se trabalhar com as crianças a discussão sobre a sexualidade desde cedo, e acompanhar cada desenvolvimento que passa mediante as fases de desenvolvimento sexual, pois são inerentes a todas as crianças. Cada descoberta acontece de modo particular, cabe aos adultos conhecer e respeitar cada etapa de processo das crianças. A sexualidade infantil está na escola e faz parte das crianças, por isso, requer um estudo mais aprofundado, para melhor ser abordado em sala de aula, pois, o educador possui uma função importante na formação da criança.

Nesse contexto, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o tema sexualidade é tratado como um elemento natural, que nos permite prazer, uma necessidade básica, provida de um desejo estabelecido pelo corpo. Desse modo, o ensino da sexualidade foi implantado no currículo escolar como um dos temas transversais, abordando questões como educar o corpo, as questões de gêneros e ainda discussões relacionadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

De acordo com Leôncio (2013), os PCNs³ surgiram no ano de 1996, elaborados pelo Ministério da Educação, com a contribuição de diversos especialistas, e foi difundido como

³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do

um documento de grande relevância, que apresenta as propostas de uma estruturação curricular para a educação, contemplando o ensino de temas sociais, presentes na vida cotidiana, tais como sexualidade, saúde reprodutiva entre outros, e as demais discussões de princípios democráticos como a igualdade de direitos e participação com responsabilidade social.

O tema orientação sexual é de fundamental importância na área da educação, pois, o mesmo oferece um referencial incentivador na reflexão sobre os currículos escolares, sobre as necessidades de sua comunidade escolar, na reprodução bibliográfica de livros didáticos, tendo em vista a concepção dos projetos pedagógicos, em função da cidadania do aluno, desenvolvendo ações críticas reflexivas e educativas.

1.4 A SEXUALIDADE INFANTIL NOS ESPAÇOS ESCOLARES.

O ensino da sexualidade deve ser reconhecido e aceito, tanto pela família quanto pela escola, pois trata de um assunto de grande importância na vida das crianças e adolescentes. A escola e a família devem estar abertas para conversas esclarecedoras diante das abordagens feitas pelas crianças. Pois é um ambiente que transmite valores morais e éticos, contribuindo para a evolução das crianças, nos processos construtivos de sua sexualidade. Nesta perspectiva, Felipe e Guizzo (2013, p.36) enfatizam que:

Muitas vezes, nas instituições escolares, as questões colocadas a respeito da sexualidade não são expostas e discutidas profundamente. Geralmente essas questões não vão além daquilo que é visto como certo ou errado, moral e imoral, adequado ou não, tornando-se alvo constante de fiscalização por parte das escolas, das famílias e da sociedade em geral.

Os questionamentos são momentos de aproximação e orientação, fator relevante para a aprendizagem, contribuindo para o conhecimento de todos. O processo de orientar e educar são contínuos, com parceria familiar em comum com a escola, visando trabalhar de acordo com as necessidades em que a escola está inserida. As autoras Leôncio (2013) e Altmann (2001) descrevem que o ensino do tema sexualidade nos dias atuais constitui um desafio na educação básica e, especificamente, no ensino infantil.

A maneira de ensinar e de aprender sexualidade são dilemas encontrados na maioria das escolas, resultado de alguns fatores, como organização e a não estabilidade do currículo, a

conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

dificuldade de relacionar o conhecimento teórico com o conhecimento prévio que o aluno traz, formação dos professores, materiais didáticos, estrutura do ambiente escolar, entre outros, são fatores que contribuem para um ensino de qualidade.

A discussão sobre sexualidade, por mais que tenha evoluído em alguns aspectos, ainda é um tema com muitas restrições, pois os adultos não estão preparados para explicar, as reações físicas, psicológicas e sociais, que acontecem com as crianças, além da reação por parte da família que, muitas vezes, prefere deixar passar despercebidas as transformações que vão acontecendo ao seu redor, mesmo sendo algo que está presente em nossa vida de várias maneiras. De acordo com Mielnik, (1975 *apud* CAMPOS e BARBOSA, 2006, p.71):

O professor partilha com os pais a educação sexual da criança. Os pais são ativos no ambiente familiar, professor na escola. De encontros e conversas com os pais, frequentemente o professor poderá auxiliar o desenvolvimento sadio sexual da criança.

Essa interação escola e pais é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, a troca de experiência contribui para que a mesma possa atravessar essa fase de transformação com mais naturalidade. Enfim, esse diálogo tende a contribuir tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar. Dessa forma, propiciará a formação de um indivíduo melhor, capaz de decidir com clareza os seus objetivos futuros.

Nesta perspectiva, Silva (2013, p. 88) mantém uma importante atribuição na formação do educando, descrevendo que:

Sabemos que as atribuições destinadas às escolas básica e secundária, também lhe é conferida a formação dos educandos a partir de uma matriz heterossexual para informações voltadas à prática de reprodução da espécie e cuidado com a saúde através da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, matriz que forma um currículo formal e “anormal” da sexualidade.

A escola tem um papel fundamental nessa formação do indivíduo, para isso, deve ser um instrumento na construção de valores e atitudes, e permitir um olhar mais crítico e reflexivo, sobre as identidades de gênero, ao invés de ser um lugar de práticas injustas e de produção de preconceitos e discriminação. Fatores presentes no ambiente escolar que se desenvolvem a partir das relações professor-alunos e aluno-aluno. Isso fica claro, no jeito dos alunos serem homens e mulheres, nas suas curiosidades e dúvidas, mas também nas suas preocupações com a normalidade física e a autoestima.

Por conseguinte, o importante é que o professor proporcione liberdade aos alunos, para expressar sua opinião, ficando atento às suas respostas diante das indagações das crianças, não

expressando opinião de forma pessoal, pois em sala de aula o professor é referência, e o que ele construir é muito difícil ser desconstruído, suas opiniões tendem a refletir de tal forma que, aos poucos, as opiniões e discursos dos alunos podem reproduzir o discurso do professor em sala de aula.

Nessa perspectiva, Louro (2013) afirma que os professores raramente comentam acerca do prazer do “Eros” ou do erótico em sala de aula, pois alicerçam sua prática pedagógica na crença da separação entre o corpo e a mente. É como se o corpo não existisse. A autora chama atenção para o fato de que os professores entram em sala de aula para ensinar, evidenciando apenas a presença da mente deixando de lado o corpo, passando despercebido aos olhos dos alunos, conteúdo que na maioria das vezes não é mencionado em situações de ensino.

Para que o tema sexualidade seja bem trabalhado em sala de aula, é importante que a instituição de ensino, juntamente com o professor, esteja atenta às dificuldades em trabalhar essa temática. É necessário que o professor desempenhe seus estudos por meio de leituras e pesquisas, para assim refletir e desenvolver argumentos, para discutir sobre a sexualidade e suas diferentes abordagens, mantendo um aprofundamento do que vai ser trabalhado em sala de aula. Destarte, BRASIL (2001, p.34) destaca que:

A orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.

Fica evidente a importância de educar os alunos quanto à orientação sexual, minimizando mitos que confundem a cabeça das crianças e dos adolescentes. Esse acompanhamento é de fundamental importância para reduzir os índices de gravidez na adolescência, para prevenir casos de abuso sexual, para promover o conhecimento e a consciência do próprio corpo, bem como para atuar na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Para alcançar tais objetivos, o professor passa por diversas situações no seu cotidiano, afinal para trabalhar o tema sexualidade não existe um método ou técnica, o necessário é uma preparação prévia, para ter domínio de conteúdo e aprofundamento teórico. O professor cria instrumentos motivadores, para estimular o conhecimento do aluno, e nota-se a participação do professor para a construção do conhecimento. Nesse enfoque, o professor atua como mediador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem.

O tema sexualidade infantil ainda recebe pouca importância do professor em sala de aula, especialmente, quando o educador não leva em consideração o fato de que a sexualidade envolve histórias de vida, crenças, desejos, relacionamentos e sentimentos. Na educação infantil, a prática docente deve ser aperfeiçoada diante das experiências e problemáticas do cotidiano. As crianças trazem para a escola conhecimentos prévios, que se diferenciam nas diversas situações e campo de conhecimento.

Ainda hoje, percebe-se que os professores não estão preparados para trabalhar essa temática, prevalecendo crenças que não permitem a evolução do tema em sala, enfatizando concepções equivocadas acerca da sexualidade, afirmando que a mesma está ligada exclusivamente ao ato sexual, e não a algumas sensações inerentes às crianças. Para melhor esclarecimento acerca da diferença da sexualidade na infância, Costa (1986 *apud* CAMPOS BARBOSA, 2006, p. 21) afirma que:

A diferença da sexualidade infantil é apenas que, nesta, a excitação apresenta-se mais intensa e difusa, portanto, não está necessariamente localizada nos genitais. Na infância, sua finalidade é diferente, já que se restringe à manipulação ou estimulação prazerosas, é auto-erótica, já que não tende a uma relação com o outro.

A construção da sexualidade infantil é vivida pelas crianças por meio de descobertas, que necessariamente não estão ligadas aos órgãos genitais, mas às situações ou manipulações recorrentes, que lhes dão prazer, sendo interpretadas de formas diferentes pelos adultos. Cabe aos professores de educação infantil estar em constante atualização, para assim saber como atuar em situações do cotidiano escolar.

1.5 RELAÇÕES DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Gênero se estabelece sobre os corpos sexuados, não sendo negada a biologia, mas deixando em evidência a construção social que é produzida por meio das características biológicas, mantendo uma direção para as práticas sociais. Desse modo, as identidades sexuais e as identidades de gêneros dos indivíduos estão relacionadas. Louro (2013, p. 11) faz um convite à reflexão deste aspecto, ao assegurar que “identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são modeladas pelas redes de poder de uma sociedade”.

As características fundamentais das relações de gênero se constroem sobre os debates nos meios sociais. Neles, moldam-se e reproduzem-se as relações entre os indivíduos, as

quais, na maioria das vezes, contextualizam, intensificam e justificam as desigualdades. Desigualdades que não devem ser vistas pela ótica das questões biológicas, mas como adaptações sociais.

Mesmo com muitos estudos, priorizando as avaliações sobre as mulheres, elas encontram-se hoje, de maneira mais explícita em relação aos homens, contextualizando o que se assegura sobre os gêneros. Para evitar a generalização, a respeito do sexo masculino e feminino, a autora Louro (1997, p. 23), enfatiza que “o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos”. Levando em consideração que as concepções de gênero se diferem em meio a diferentes momentos sócio-históricos e culturais.

As transformações dos estudos feministas, em meio às polêmicas sobre as discussões sobre gênero, chegam ao Brasil no final dos anos 80, timidamente, ampliando-se gradativamente de forma satisfatória. A principal visão dos estudos feministas era voltada para as relações de poder, buscando desmontar os meios de silenciamento e opressão das mulheres.

De acordo, com Rodrigues (2003, p.18), “A aquisição pela criança de comportamentos normais de papéis de gênero é um aspecto fundamental do desenvolvimento e ajuste de toda a personalidade”. Por meio da aprendizagem de papéis, cada indivíduo necessitaria conhecer o que seria adequado ou inadequado para os dois gêneros.

A visão feminista firma-se na importância de se combater as desigualdades entre homens e mulheres no ambiente dentro e fora das instituições de ensino. Desse modo, os estudos feministas estabelecem um conjunto de táticas e procedimentos, que buscam romper com as relações de hierarquia presentes nas salas de aulas, permitindo um diálogo no qual todos possam manter a igualdade. As concepções das relações de gênero, no tocante a essas pedagogias vêm, transmitir, o papel masculino como o detentor do poder e o feminino como o carente desse poder.

O estudo feminista apresenta a necessidade de encorajar e potencializar o poder feminino nos espaços escolares e universitários, em situações didáticas e comerciais, percebemos a fabricação de filmes e brinquedos, mantendo a mulher como protagonista da história. Esses indicativos fundamentais acerca das relações de poder entre os gêneros são descritos nas falas de Louro (1997, p. 24):

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos

tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.

Desse modo, a compreensão sobre as questões de gêneros deve ser vista como algo fundamental para a identidade de cada sujeito, entendendo que as relações entre homens e mulheres e as representações de seus discursos em constantes mudanças. As identidades de gêneros vão se transformando ao longo do tempo.

Louro (1997) destaca que Foucault foi um dos autores que contribuiu para novos debates e discussões sobre as relações de poder, desorganizando as concepções convencionais, visando a sua utilização como uma estratégia, não sendo um privilégio que alguém possui ou se apropria. Foucault (1988, *apud* LOURO, 1997, p. 40), em sua fala, afirma que “lá onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Essas concepções de Foucault apontam as relações de poder não apenas como ações negativas, mas como ações proveitosas e positivas.

Desse modo, Louro (1997) ressalta que as relações de poder descritas por Foucault transmitem um olhar mais aguçado para as relações de gênero, relativizando os conceitos de feminino e masculino e abrindo discussões que envolvem os papéis que serão atribuídos a cada um, em meio à sociedade ao qual, está inserido. Na visão da autora, os indivíduos são instituídos socialmente, a diferença entre os gêneros é uma construção produzida, partindo do lugar no qual encontra-se incluído.

Compreende-se sexualidade e identidade de gênero como o processo em que meninas e meninos aprendem modos sociais pertencentes aos papéis atribuídos ao sexo feminino/masculino, em meio aos contextos históricos de cada sociedade. Louro (2008) nos diz que o conceito de gênero e sexualidade infantil são construídos culturalmente pela historicidade dos ambientes sociais que marcam as crianças e os adultos, expressada em suas vidas e em suas práticas no individual.

Gênero consiste em uma construção social estabelecida pela cultura que nomeia mulheres e homens. Desse modo, requer um conhecimento maior acerca das diferenças sexuais, compreendendo como são produzidas através da cultura e a sociedade, diferenciando assim os sexos masculinos e femininos. Nesse contexto, Joan Scott (1995, p.75) relata que [...] “O termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” — à criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.” Pode se

dizer que a forma social do sexo masculino e feminino é a diferença que permite reconhecer que se é homem ou mulher de forma concreta e objetiva.

Embora a sociedade tenha passado por muitas evoluções, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações entre os adultos, são estes que esperam essa diferença entre meninos e meninas, com jeitos e opiniões próprias de seus sexos. O professor de educação infantil tem um papel fundamental para que esse momento de transição ocorra de forma espontânea, com tempo necessário para as transformações.

Quando meninos ou meninas demonstram comportamentos diferentes ou não apropriados ao seu sexo como cultura a sociedade, os professores tendem a manter um comportamento de incômodo e muita preocupação. É de suma importância que o professor deixe a criança livre para essa transformação, pois as crianças estão sempre em busca de algo novo, sem cobranças de que tudo aconteça no tempo determinado, é importante que o professor e a família não atrapalhem esse momento, de novas buscas, de novos conhecimentos que aos poucos vão se desvelando, com seus próprios meios.

Assim, Louro (1997, p. 28) enfatiza que:

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe[...].

Partindo desse pressuposto, na educação infantil as crianças ainda não possuem as práticas sexistas nas brincadeiras que participam, ainda não reproduzem os sexismos, que o adulto apresenta para elas, as crianças vão aos poucos aprendendo essa transmissão de conhecimento de hierarquia que ao longo dos tempos permanece em nossas escolas. Na escola, as crianças participam de todas as brincadeiras juntas, com naturalidade, não existindo nem brinquedos ou brincadeiras de meninos ou meninas, até que haja uma interferência do adulto. A visão de Meyer e Soares (2013, p. 11), esclarece que:

A compreensão de gênero e sexualidade são culturalmente construídos e não “naturalmente” dados não imediata. Gênero e sexualidade, assim como o próprio corpo, parecem simplesmente estar lá, inscritos numa determinada anatomia, numa determinada região do cérebro ou, ainda, em alguma interioridade psicológica inata.

As crianças brincam com tudo que lhes dar prazer sem distinção de sexo, é o adulto quem cria essa diferença de brinquedos de meninos ou meninas. Para as crianças, os

momentos das brincadeiras não tem significado algum, essa interferência do adulto corresponde à preocupação que ele tem com a escolha futura da sexualidade da criança. É imprescindível a compreensão de que as escolhas dos brinquedos das crianças não interferem em sua orientação sexual, são escolhas próprias, correspondentes ao seu futuro. Para isso, Louro (1997, p.27) nos diz que:

[...] — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Nesse sentido, tanto as dinâmicas da sexualidade quanto a identidade de gênero passam por diversas transformações, a família e a escola têm a função social de mostrar às crianças o seu lugar na sociedade para que isso possibilite o desenvolvimento de sua identidade como pessoa. Para isso, faz-se necessário que a escola e a família tragam informações e as contextualizem, oferecendo caminhos adquirindo mais conhecimento, possibilitando à criança um ambiente de sociabilidade, o que acarreta uma difusão sociocultural, incluindo as relações de gênero.

O professor para muitos alunos, é a única pessoa com quem eles podem contar para ampliar seus conhecimentos sobre o tema da sexualidade e desenvolver uma visão sobre os fatos recorrentes em sua vida. Com isso, para tornar-se homem ou mulher é preciso submeter-se a um processo denominado por Louro (1997) de “socialização de gênero”, baseado nas expectativas que a cultura de uma sociedade tem em relação a cada sexo.

Desse modo, ao nascer, uma pessoa deve ter uma determinada conduta e seguir normas e comportamentos “aceitáveis” de acordo com seu gênero, conceitos estes transmitidos pela sociedade que nos cerca. Com o desenvolvimento da compreensão sobre as diferenças corporais sexuais, a sociedade cria ideias e valores sobre o que significa ser homem ou mulher, feminino ou masculino, estas são as chamadas representações de gênero, essa compreensão é ensinada às crianças, aos poucos, nessa interação com os adultos. Nesta perspectiva, Louro (1997, p. 77) afirma:

Gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual – de homens e mulheres – que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

A discussão sobre gênero permanece vinculada ao modo como a sociedade designa os distintos papéis sociais e comportamentais em relação a homens e mulheres, através dessas relações sociais, suas representações e práticas são vivenciadas e vão se incorporando ao ser humano. Assim, os significados dos sexos masculino e feminino ressaltam o caráter social, e também sócio-histórico das compreensões de ser homem ou mulher, fundamentado nos papéis instituídos pela sociedade local.

Nessa construção, o espaço escolar é definido como um ambiente formidável e atrativo em busca de uma estrutura firme e sólida, que sempre precisa trabalhar temas levando em consideração o conhecimento prévio, que a criança traz para a sala de aula e as diferentes circunstâncias oferecidas, permitindo uma interação em sala, uma troca de experiências que enriquecerá de forma gratificante, a discussão sobre a temática.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como propósito analisar as concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade. A pesquisa foi realizada com 05 (cinco) professores de Educação Infantil em escolas da cidade de Santa Helena-PB. Para garantir a não identificação dos sujeitos, estes foram caracterizados pela ordem em que foi feita a entrevista, por exemplo, o primeiro professor entrevistado foi denominado de professor 01 (um) e assim, sucessivamente. A escolha dos sujeitos se deu por indicação, assim o professor entrevistado indicava o próximo.

Para iniciar a coleta de dados, utilizamos como instrumento de investigação um questionário semiestruturado contendo 15 (quinze) perguntas. Após as análises das respostas, percebemos que não ofereciam informações suficientes para uma análise mais complexa, assim para termos dados suficientes e adequados, realizamos outra coleta através de outro procedimento: a entrevista semiestruturada, com perguntas relacionadas ao conhecimento dos professores sobre a sexualidade, a fim de obter dados objetivos e também subjetivos. Segundo Neto (1994, p.57), “A entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

Dessa maneira, a entrevista semiestruturada permite uma conversa frente a frente, envolvendo o entrevistador e o entrevistado, mantendo a propensão de adquirir informações satisfatórias, aproximando-se de um diálogo, apoiando-se em teorias e hipóteses fundamentadas.

As perguntas da entrevista foram: Quando você escuta a palavra sexualidade, o que você pensa? Como você define o termo sexualidade? A partir de que idade devemos falar sobre sexualidade junto às crianças? O que você entende sobre o conceito de gênero? Existe diferença entre meninos e meninas? Quais as principais características das meninas? Nesta ótica, esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, a qual o pesquisador desenvolveu uma correlação ágil entre os fatos e sujeitos, analisando a subjetividade e os contextos, interpretando os dados coletados, buscando analisar as concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade.

Partindo desta perspectiva, Richardson (1985, p. 38) descreve que “a abordagem qualitativa de um problema além do ser uma opção de investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Essa abordagem oferece um esclarecimento a partir das necessidades dos objetivos propostos pelo

estudo, no qual permitiu um conhecimento mais intenso entre o pesquisador e área a ser pesquisada.

Desse modo, para atingir os objetivos deste estudo, o processo metodológico do trabalho foi em direção ao procedimento de pesquisa descritiva, estabelecendo a descrição de características dos sujeitos. Segundo Gil (2002, p. 42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa descritiva permitiu estudos estruturados que buscaram identificar as concepções dos professores sobre a temática estudada. O estudo se caracterizou ainda como uma pesquisa de campo, esclarecendo dúvidas na busca de conhecimentos e informações a respeito de um problema. Na pesquisa de campo, o cuidado teórico e metodológico com a temática foi fundamental, e proporcionou o retorno dos resultados. Assim, Lakatos e Marconi (2010, p. 169) nos dizem que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Os dados foram tratados e analisados de forma qualitativa e a análise foi feita com base no discurso dos sujeitos entrevistados.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As discussões descritas até agora, abordaram a importância de trabalhar desde cedo a sexualidade com as crianças, bem como as transformações ocorridas no decorrer dos anos com os avanços e as quebras de rupturas que marcam profundamente o tema, marcas essas que perduram até hoje. No entanto, apesar de tantas evoluções em pesquisas e discussões, a sexualidade ainda é entendida como algo constrangedor para as pessoas.

Com base nessa constituição, analisamos a concepção dos professores de educação infantil sobre sexualidade, com o objetivo de designar os conceitos de masculino e feminino dos professores, de descrever que aspectos da sexualidade são abordados por estes professores em sala de aula. E, por fim, identificar como os professores definem alguns conceitos relacionados ao tema sexualidade.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS E AO LOCUS

Os sujeitos da pesquisa residem na cidade de Santa Helena – PB, localizada no nordeste brasileiro, precisamente no Centro Oeste da Paraíba. Distante 500 km da capital João Pessoa, Santa Helena pertence à microrregião de Cajazeiras e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, possui cerca de 5.369 habitantes.

A cidade possui 9 (nove) escolas que trabalham com a educação infantil, sendo 3 (três) escolas na zona urbana e 6 (seis) escolas na comunidade rural (cada uma com uma sala multisseriada com alunos da educação infantil e ensino fundamental). Nossa amostra foi composta por professores de Educação Infantil das escolas da cidade de Santa Helena-PB, com um total de 5 professores, 2 homens e 3 mulheres, tanto das escolas da zona urbana quanto da zona rural.

Em seguida os perfis das docentes entrevistados, seguindo a ordem dos entrevistados.

Professor 01 – 27 anos, formado em Licenciatura Plena em Pedagogia e Letras, especialista em Planejamento e Gestão Escolar e mestre em Ciências da Educação, seu vínculo empregatício se deu através de um concurso e há cinco anos atua na escola na educação infantil.

Professor 02 – 34 anos, formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, com especialização em Planejamento e Gestão Escolar. Seu vínculo empregatício se deu através de um concurso, com oito anos de atuação na escola, há 06 anos atua na educação infantil.

Professor 03 – 31 anos, formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia. Seu vínculo empregatício, inicialmente, ocorreu através de indicação, atuando dessa maneira até esse momento na educação infantil.

Professor 04 – 34 anos, formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia. Seu vínculo empregatício ocorreu através de um concurso, com 10 anos de atuação na docência, trabalha há 08 anos na educação infantil.

Professor 05 – 27 anos, formado em Licenciatura Plena em Pedagogia, com especialização em Planejamento e Gestão Escolar, e mestre em ciências da educação. Seu vínculo empregatício ocorreu por meio de indicação, atuando há dois na educação infantil.

Como estratégias para garantir a não identificação dos sujeitos entrevistados, caracterizamos pela ordem da entrevista, por exemplo, o primeiro professor entrevistado foi designado por: professor 01 e assim, por diante. A escolha do novo instrumento de coleta teve em vista alguns objetivos importantes, tais como, respostas satisfatórias que apresentassem uma fundamentação mais aprofundada; um maior discurso a ser analisado e uma conversa mais explicativa sobre o assunto, pois com o questionário não foi possível. Segue a coleta com os dados a serem analisados e discutidos.

3.2 DISCUSSÕES DOS DADOS

A sexualidade é parte integral do ser humano consiste em uma necessidade fundamental do ser humano, é um aspecto íntimo de todo indivíduo que não pode ser separado dos demais aspectos da vida, permanecendo como uma energia que impulsiona o sujeito. Além disso, a sexualidade está intimamente relacionada ao corpo e é fortemente influenciada pelo meio social e as experiências de cada sujeito. Em nossa sociedade moderna, está relacionada ao amor, ao contato e a intimidade, ao desejo, ao prazer, ao erotismo, ao masculino e feminino, entre tantos outros aspectos que são expressos na forma de sentir, permitindo influências de pensamentos, sentimentos e ações relacionados tanto a saúde física como a saúde mental. Não podemos esquecer que a sexualidade também pode estar relacionada com as doenças sexualmente transmissíveis e ao risco da gravidez precoce.

De início, a primeira indagação feita aos professores foi: quando você escuta a palavra sexualidade, o que você pensa? As respostas foram diversificadas, os professores descrevem aspectos diferentes, o aspecto mais citado foi as diferenças entre o masculino e o feminino,

tanto nos aspectos físicos como no comportamento. Afirmam ainda ser uma discussão muito ampla, e abrangente.

QUADRO 1 – CONCEITO DE SEXUALIDADE

CONCEITO DE SEXUALIDADE		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Diferenças de Gênero	<p>“É importante entender que sexo se refere à definição dos órgãos genitais, masculinos e também femininos.” (Professor 03, 31 anos).</p> <p>“Toda interação que há, que possa haver entre duas pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto;” (Professor 05, 27 anos).</p> <p>“Penso em diversidade, a sexualidade remete a questão de gênero e vai muito além do sexo biológico.” (Professor 01, 28 anos).</p> <p>“Termo abrangente que envolve desde características físicas, psicológicas e ao comportamento, relacionado tanto a criança, quanto ao adulto.” (Professor 02, 34 anos).</p>	4
Comportamento	<p>“O conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e também de nos expressar.” (Professor 03, 31 anos).</p> <p>“Em relação à sexualidade é um termo abrangente em relação ao comportamento das pessoas... Pode ser uma forma de cumprimento, abraços, toques, com uma conversa, não necessariamente ser um ato sexual, o sexo mesmo.” (Professor 05, 27 anos).</p>	2
Sexo	<p>“Quando a gente escuta falar em sexualidade a gente faz logo uma referência ao sexo.” (Professor 03, 31 anos).</p> <p>“Apesar da complexidade da palavra, a primeira coisa que vem em mente, realmente é sexo, o ato em si, ou a descoberta para tal. Apesar de sabermos que a sexualidade é muito mais complexa, é uma coisa abrangente, a primeira coisa que vem em mente, realmente é o sexo” (Professor 04, 34 anos).</p>	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

De acordo com os professores 03 e 04, a sexualidade está marcada pela concepção do ato sexual, o ato ou descoberta para tal, como dizem em suas falas. Cabe ressaltar que o professor 04 relacionou apenas ao ato sexual e o professor 03 relacionou ao sexo, sentimentos e as expressões destes.

As falas destes professores evidenciam que as dificuldades encontradas em relação à sexualidade, são falas pontuais em aspectos específicos da temática. Sabemos que a sexualidade é marcada por uma construção histórica e está presente em nossas vidas desde o nascimento até a morte, e que manifesta-se de forma diferente em cada pessoa. As investigações voltadas para os sistemas de aprendizados e aspectos sociais visam a sexualidade. Nesta perspectiva, Giddens (1992 *apud* HEILBORN, 2002, p. 1) coloca “Tal particularidade só pode ser entendida no contexto da sociedade ocidental do final do século XX, que erigiu as questões afetas à intimidade, à vida privada, à sexualidade como centro da reflexão sobre a construção da pessoa moderna”.

Para a sexualidade, não há um fundamento unânime sobre as condutas e também para o que seja o sexual, diante disso, outros autores também abordam a sexualidade em suas falas, assim como Freud (1901 a 1905/2006) em um discurso sobre *A vida sexual dos seres humanos*, que aconteceu na XX Conferência de Viena (1915-1916), no qual descreve sobre a dificuldade que havia em se determinar o que ele definia de energia sexual, por ser um contexto muito polêmico.

Assim, Freud (1901 a 1905/2006, p. 309) ressalta que:

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de sexual. “Talvez a única definição acertada fosse tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos”. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo.

Ver pesquisas que apontem a mesma problemática, ou seja, a visão fragmentada da sexualidade, através de discursos de uma sexualidade construída, como um corpo de informações que aos poucos vai modelando as formas de como pensamos e também conhecemos o nosso próprio corpo. Louro (2013, p. 39) aponta que “A sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosa”.

A sexualidade é um elemento importante na decodificação, quanto à maneira como refletimos o corpo, aceita como algo universal e biologicamente determinado. Mediante as falas dos professores, observamos que os mesmos possuem conceitos fragmentados sobre a

sexualidade, não fazendo referência ao fato que já nascemos seres sexuados e que essa sexualidade nos acompanha do nascimento até a morte.

QUADRO 2 - SEXUALIDADE

TERMO SEXUALIDADE		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Íntimo do ser humano	<p>“Sua própria forma de ser e se expressar em condutas e valores, da forma como se vê, enquanto ser humano.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“É um tema muito relativo e pessoal, é um traço íntimo do ser humano, que se manifesta em cada um, de acordo com a realidade e as experiências que vivenciamos no dia a dia.” (Professor 03, 31 anos).</p> <p>“Os seus traços mais íntimos, traços esses que podem ser externos ou internos.” (Professor 04, 34 anos).</p>	3
Amplio	<p>“Sexualidade é difícil de definir, porque vai depender do contexto em que ele é empregado, em se tratando de educação é como se fosse a forma de você trabalhar, de você demonstrar.” (Professor 02, 34 anos).</p> <p>“Como eu já disse é um pouco amplo, esse termo, que vai envolver vários comportamentos das pessoas, que vai depender de uma pessoa pra outra e que tenha relação também, com a intimidade das pessoas.” (Professor 05, 27 anos).</p>	2
Comportamento	<p>“Acredito que o termo sexualidade está mais voltado à natureza, como as pessoas se identificam.” (Professor 04, 34 anos).</p>	1
Corpo	<p>“Sexualidade é uma concepção muito ampla, que vai além da compreensão que você tem do seu próprio corpo.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“Contextualiza diversas áreas de conhecimento, desde seu corpo, aos comportamentos até o próprio sexo.” (Professor 02, 34 anos).</p>	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Em sequência, foi perguntado aos professores como eles definem o termo sexualidade. As respostas foram diferenciadas em meio a categorias relacionadas ao comportamento, ao corpo e algo íntimo do ser humano. Em suas falas, os professores 02 e 05 enfatizam o tema sexualidade como algo amplo e difícil de definir, envolvendo questões relacionadas com a intimidade de cada um, pontos frisados também pelos professores 03 e 04 que destacam a

sexualidade como algo íntimo que é manifestado mediante a realidade e experiências vivenciadas no cotidiano.

As falas dos professores trazem algo voltado para íntimo dos indivíduos como aquilo que reúne globalmente a espécie humana, não levando em consideração que a criação dos temas transversais, em especial, a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é um indício da inserção do assunto no âmbito escolar. Diante disso percebe-se, por meio da entrevista, a falta de informação dos professores para com a temática. A sexualidade permite ir além de temas íntimos e pessoais, é algo que precisa ser mais debatido em virtude do aumento de casos de gravidez na adolescência e do risco da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, entre outros, em função dessa pluralidade na sexualidade. Contudo, de acordo com Louro (2013, p. 39):

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que a sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política.

Em virtude dessas informações, a sexualidade percorre caminhos diversos em pesquisas, que são debatidas até hoje, com momentos históricos que são atrelados em conceitos sociais e culturais. Heirborn e Brandão (1999, p. 3) descrevem abordagens para essa construção social como:

O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual. O foco da argumentação é o de que existam formas culturalmente específicas, que o olhar ocidental chamaria de sexualidade que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou sexo diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre outros grupos populacionais de uma determinada cultura.

A sexualidade envolve múltiplas dimensões humanas, necessitando com urgência, ser desvelada e analisada no contexto educacional, no entanto, os professores entrevistados referem-se ao termo sexualidade, voltando-se apenas para o corpo, como íntimo e pessoal de todo indivíduo, não levando em consideração a importância do tema no contexto escolar, como algo natural do ser humano.

QUADRO 3 – IDADE CERTA PARA FALAR SOBRE SEXUALIDADE

A PARTIR DE QUE IDADE DEVEMOS FALAR SOBRE SEXUALIDADE		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Quando uma criança manifesta curiosidade.	“Eu penso, que não tem uma idade certa, ... eu queria dizer, tal idade x, na minha visão, tem que partir desde o momento em que a criança manifesta alguma curiosidade.” (Professor 01, 27 anos). “Acredito que não há uma idade certa, pra falar sobre sexualidade, mas, sim de acordo com os pais. Já podem ir conversando, de acordo com o desenvolvimento da criança, de acordo com a naturalidade que ela venha surgir dúvidas, a respeito desse tema.” (Professor 05, 27 anos). “Desde o mais cedo possível, sempre com a preocupação de adequar as respostas ou as perguntas à idade da criança, de forma a não aprofundar demais, mas também a não deixar dúvidas, ser atento, ser claro e objetivo ao que ela quer saber.” (Professor 02, 34 anos).	3
A partir de uma idade certa.	“Por volta de 4 anos.” (Professor 04, 34 anos). “A partir dos 8 anos.” (Professor 03, 31 anos).	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Em continuidade a entrevista, foi perguntado aos professores a partir de que idade devemos falar sobre sexualidade junto às crianças. As respostas em sua maioria foram diversas. Os professores 03 e 04 partiram do aspecto que devemos ter uma idade certa pra falar sobre sexualidade junto às crianças. Na teoria psicanalítica a libido é o ponto chave que movimenta o homem. A libido consiste na energia afetiva que busca as áreas do prazer, levando em consideração a perspectiva que a sexualidade é uma construção histórica e que nos acompanha desde o nascimento até a morte.

Para Freud (1901 a 1905/2006), é a partir das fases psicosssexuais que acontece a evolução da personalidade de uma maneira específica, sendo marcada pela concentração da libido nas zonas erógenas. As falas dos professores 01, 02 e 05, permitem-nos analisar que a sexualidade não tem uma idade certa a ser abordada junto às crianças, devendo ser levado em consideração o momento da criança e qual a sua curiosidade a respeito do assunto. A sexualidade deve ser vista como algo inato ao ser humano, e que não existe idade certa para as curiosidades que o tema permite.

A sexualidade surge na infância permitindo uma ligação entre às necessidades orgânicas e as sensações eróticas, na procura da satisfação de seus desejos em seu próprio

corpo. A criança, ao nascer, possui em sua composição sensorial, a boca e também os lábios como uma das principais zonas erógenas, mas é desenvolvida por meio dos lábios, permitindo experimentar os primeiros momentos que lhes dão prazer. É no momento do mamar, que a criança busca o equilíbrio vital, surgindo às primeiras experiências do prazer.

Com isso, Freud (1940, p. 179) enfatiza em sua fala as sensações permitidas pela boca:

A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se toda via por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual.

Em virtude dessas informações descritas nas falas de Freud, a sexualidade nos permite pensar a respeito dos conceitos sobre sexualidade na infância. Os professores enfatizam que existe um momento certo para falar sobre sexualidade junto às crianças, mas sabemos que a curiosidade das crianças não tem momento e nem idade certa, é algo natural. Cabe aos professores ficar atentos aos questionamentos e responder apenas o que lhes for perguntado, uma sondagem antes, para saber o que realmente as crianças já têm conhecimento.

QUADRO 4 – CONCEITO DE GÊNERO

CONCEITO DE GÊNERO		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Homem e mulher	<p>“Ver esse conceito de uma forma mais específica, de uma forma mais detalhada, porque ele provoca na sociedade a superação de distinguir homem e mulher, então, isso pra gente que já vem de uma cultura, baseada numa cultura, fica muito complicado.” (Professor 04, 34 anos).</p> <p>“Quando a gente lembra-se de gênero, é a respeito do diferenciamento, entre homem e mulher, entre macho e fêmea, entre masculino e feminino.” (Professor 05, 27 anos).</p> <p>“O conceito de gênero é complicado, porque até onde eu fui preparada a gente só estudava gênero em se tratando de gramática ou definindo masculino e feminino.” (Professor 02, 34 anos).</p>	3
Construção cultural	<p>“Gênero é uma construção social e cultural, provavelmente por isso, a gente tem tanta dificuldade de acompanhar e de entender esse novo conceito.” (Professor 04, 34 anos).</p> <p>“Apesar que gênero é uma construção cultural, por exemplo, eu tenho uma filha de 4 anos, que adora a cor rosa, mas, por que ela adora a cor rosa? Por que eu e as tias dela, sempre compramos roupa rosa, tiara rosa, sapatos, tudo que a gente via rosa, a gente sempre comprou pra ela.” (Professor 03, 31 anos).</p> <p>“Gênero vai da forma como a pessoa se vê, se enxergar, diante de si mesmo e do outro também.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“Tenho uma dificuldade grande de trabalhar gênero, eu acho que você e a escola trabalhar pra quebrar preconceitos de cores, de brincadeiras, de brinquedos, que podem ser de meninos ou de meninas. Eu apoio totalmente procuro trabalhar isso no meu dia a dia, na sala de aula, não existe cor pra um, cor pra outra, brincadeira determinada pra um gênero ou pra outro.” (Professor 02, 34 anos).</p>	4
Complexo	<p>“Então é muito mais complexo, do que eu aprendi sinceramente eu ainda preciso aprender muito sobre gênero.” (Professor 02, 34 anos).</p> <p>“Pra mim, conceito de gênero é muito complexo, ainda é também, uma questão muito crítica.” (Professor 04, 34 anos).</p>	2
Comportamento	<p>“Hoje em dia, já está mais relacionado ao comportamento, escolha, opção e até mesmo, a você dizer, que não existe um gênero determinado.” (Professor 02, 34 anos).</p>	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Dando prosseguimento à entrevista, os professores foram questionados sobre o que eles entendem sobre o conceito de gênero. Em suas falas, os professores 01 e 02 afirmam não saberem trabalhar o tema em sala de aula, descrevendo ser um tema amplo, que envolve questões críticas, enfatizando que ainda precisam aprender muito sobre a temática, mas ainda descrevem gênero como uma construção social. Já os professores 01 e 03 descrevem o tema a partir de como as pessoas se enxergam e enxergam o outro na sua totalidade.

As questões de gênero tornaram-se alvo de debates e discussões em câmaras Municipais e Estaduais em virtude de sua inserção no Plano Nacional de Educação (PNE), avaliando ser um tema polêmico a ser trabalhado em sala de aula. Por esse motivo os professores não se sentem seguros para trabalhar o tema em suas salas de aula, uma vez que não entendem verdadeiramente o conceito do tema. Com isso, Felipe e Guizzo (2013, p. 33) conceituam gênero como:

O conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões, como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, religião, também estão imbricados na construção das relações de gênero.

Gênero é uma construção social, que se contrapõem a ideia voltada apenas para as diferenças entre masculino e feminino. De acordo com, Scott (1995, p. 75) “Além disso, o termo “gênero” é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos”. Destarte, essas questões de gênero trouxeram discussões voltadas para a relação de poder que são estabelecidas entre homens e mulheres. É a sociedade que cria padrões masculinos e femininos.

As escolas “geralmente” costumam apontar apenas as diferenças existentes entre os sexos masculinos e femininos, preocupando-se em estabelecer as relações que já tem como referências, buscando seguir as culturas impostas pela sociedade, que estabelece separadamente objetos e cores masculinas e femininas. Com isso Heilborn (2002, p. 6) destaca que:

O conceito de gênero é profundamente devedor da ideia de relativismo cultural. Deve-se acrescentar ainda um outro aspecto importante: o caráter necessariamente relacional das categorias de gênero. O uso do conceito pressupõe, portanto, que tanto homens quanto mulheres são produtos da sociedade. Seus comportamentos e pensamentos não são derivados de uma natureza biológica.

As discussões sobre gênero requerem um embasamento teórico, para ser trabalhado em sala de aula, fato relacionado pelos professores, citando ser um tema difícil de trabalhar. Em meio a nossa sociedade organizada por critérios tão complexos, a diferenciação de gênero, implica experiências igualitárias muito diferentes tanto pra o sexo feminino, quanto para o masculino. Partindo da ideia de que a mulher não se destaca nas atividades masculinas, cabe ressaltar que as diferenças de gênero são impostas pela sociedade na qual esteja inserida.

QUADRO 5 – DIFERENÇA ENTRE MENINOS E MENINAS

DIFERENÇA ENTRE MENINAS E MENINOS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Existem diferenças	“Existem diferenças, e que isso não seja um motivo de polarizações, existem diferenças, porque há diferenças entre mim e você, por exemplo, não vejo que sejam uns antagonistas, como a cultura tenta nos demonstrar, são seres humanos, acima e além de tudo.” (Professor 01, 27 anos).	1
Gênero	“Em relação ao sexo feminino e masculino.” (Professor 05, 27 anos).	1
Diferenças físicas e comportamentais	“Existem diferenças físicas. Tanto físicas como comportamentais.” (Professor 04, 34 anos). “Eu acredito que sim, eles não são iguais, há diferenças físicas e há diferenças também em comportamento, não quer dizer que sejam diferentes em tudo, eles também têm as semelhanças, mas, existem diferenças entre eles.” (Professor 02, 34 anos).	2
Influências da cultura	“Agora, se essas diferenças são influenciadas por uma cultura social, já é outra resposta, ou outra questão a ser levantada, mais que existe, pra mim existe.” (Professor 04, 34 anos). “De acordo com a nossa sociedade sim, no comércio, é, os produtos são bem específicos, produtos pra meninos e produtos para meninas.” (Professor 03, 31 anos).	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

A entrevista seguiu com a indagação aos professores se existe diferença entre meninos e meninas. As respondam, em sua maioria, foram unânimes, os mesmos descrevem que existem diferenças entre as meninas e os meninos. Embora mantenham em suas falas condições objetivas de conceito de masculino e feminino, percebemos a falta de conhecimento a respeito da temática.

A fala do professor 01 frisou que existem diferenças, mas que não sejam vistas como motivo de polarização, para tanto, cita, como justificativa, a diferença existente entre mim e ele, porém não especifica qual. Dadas as evidências da época, e em virtude da obrigatoriedade das questões de gênero no (PNE), percebemos a falta de conhecimento, frente ao questionamento. O professor 05 destaca que existem diferenças entre os sexos femininos e masculinos, esse discurso deixa explícito como as características sexuais são interpretadas e também representadas nas práticas sociais.

Nesta perspectiva, Louro (1997, p. 22) afirma que:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Os debates sobre as questões das relações de gênero se constroem, no âmbito das relações sociais, apesar de tantos estudos voltados para a priorização das mulheres, eles ainda permanecem de forma mais explícita em relação aos homens. Os professores 02 e 04 destacam que as diferenças existentes tem caráter físico, o que se coloca nesse questionamento gira em torno das atribuições específicas para ambos os sexos, hipóteses designadas pela cultura local, deixando em evidência as relações de poder entre os sexos.

Desse modo, Foucault (1988, p. 95) relata que a relação estabelecida entre os gêneros.

E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. [...] Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta.

Além das questões voltadas para as diferenças físicas, e a relação de poder descrita entre os gêneros, o professor 04, juntamente com o professor 03, levam em consideração as diferenças impostas pela sociedade, a qual estabelece tanto objetos quanto cores voltadas para meninos e meninas. As diferenças sociais do conceito de gênero não devem ser direcionadas apenas para a construção de papéis tanto masculino como feminino, estabelecidos como padrões que a sociedade constitui.

De acordo com Louro (1997, p. 24), “[...] Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras que a sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de portar... [...]”. A sociedade impõe que, através do aprendizado de papéis, cada indivíduo precisa conhecer o que é apropriado para mulheres e homens de uma determinada sociedade.

Diante de tais discussões, gênero pode se entendido como a construção da identidade de cada sujeito. Louro (1997), ao assegurar que gênero transcende o desenvolvimento de papéis femininos e masculinos estabelecidos, levando em consideração as questões de gênero como algo que fazem parte de cada sujeito. As diferenças citadas pelos professores descrevem que os sexos femininos e masculinos se diferem, influenciados pela sociedade na qual estejam inseridos os indivíduos.

QUADRO 6 - CARACTERÍSTICAS DAS MENINAS

CARACTERÍSTICAS DAS MENINAS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Corpo	“O corpo, é o corpo fisicamente.” (Professor 05, 27 anos).	1
Comportamento	“As diferenças você vai achar entre meninos e meninas, no próprio comportamento, as meninas elas tendem a serem mais sensíveis, a serem mais amorosas, as brincadeiras das meninas são menos agressivas que as dos meninos, são características delas serem mais sensíveis, mais maleáveis, mais fácies de lidar.” (Professor 02, 34 anos). “As meninas são mais frágeis, mais doces, mais apegadas, mais quietas, as atividades são melhores pra fazer com elas, por que elas são mais atentas e também, mais criativas.” (Professor 03, 31 anos). “Numa questão, num momento de conflitos, as meninas, elas tendem, geralmente, quando elas são colocadas de uma forma, num momento de conflito, elas choram, são mais sensíveis.” (Professor 04, 34 anos).	3
Não tem características fechadas	“Não tem como citar características fechadas, assim, porque se a gente vai lá para aquela ideia de sexologia, do órgão genital feminino e que a mulher é um sexo frágil, coisas que eu discordo completamente, eu posso citar, uma característica feminina, que talvez seja a sensibilidade, uma das características, mas, isso vai depender de mulher para mulher.” (Professor 01, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

A entrevista seguiu a partir dos discursos dos professores a respeito da reflexão em citar quais as principais características das meninas. Em sua maioria, os professores descreveram que as meninas são mais sensíveis, amorosas e gentis, diferente dos meninos, referindo-se às meninas como o sexo frágil. O professor 05 parte do aspecto que as principais características das meninas estão especificamente no corpo. Louro (1997, p.73) descreve que “a ideia de que as mulheres são fisicamente menos capazes do que os homens possivelmente ainda não é aceita”. As mulheres são vistas como algo diminuído, incompleto, um homem pela metade, não podendo participar de todas as atividades propostas, seja na escola ou no trabalho.

Os professores 02, 03 e 04 destacam que as principais características das meninas são as comportamentais, discorrem que na escola as meninas têm comportamentos doces, permitindo serem mais fáceis de lidar, ainda enfatizam que as meninas são mais inteligentes e menos agressivas do que os meninos. Como percebemos, as diferenças citadas apontam para as meninas como algo imposto pela sociedade, indicando como seria o comportamento das meninas em meio à sociedade. Mas na verdade podemos encontrar nas salas de aulas comportamentos fora do padrão determinado.

De acordo com Louro (1997, p.64), “[...] E quando ocorre a situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos [...]”, essas situações, em sala de aula, são descritas como algo inesperado, situações voltadas para os alunos problemas da escola.

As especificidades de comportamentos, tanto masculinos quanto femininos, não estão predestinadas, ou impostas, mas são construídas ao longo do tempo, naturalmente. Nesta perspectiva, Louro (1997, p. 24) afirma que: “A pretensão é, então entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos.” Em sua alocução, o professor 01 destaca que as meninas não têm características fechadas a serem citadas, mas no final de seu discurso aponta as mesmas características já citadas, tais como o corpo e as questões de comportamentos.

Diante de tais discursos, percebemos que as características das meninas são citadas pelos professores de forma imposta culturalmente, na qual as meninas devem sempre obedecer aos padrões determinados, sendo meigas, calmas, carinhosas, sensíveis, entre outras características consideradas femininas, que a sociedade impôs. É perceptível que os professores não têm um olhar amplo para as relações de gênero em sala de aula.

QUADRO 7 - CARACTERÍSTICAS DOS MENINOS

CARACTERÍSTICAS DOS MENINOS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Não tem características certas.	“Dos meninos, partindo da mesma discussão, que eu fiz ou pelo menos levantei em relação às meninas, eu não sei dizer uma característica ao certo dos meninos, de alguma maneira, sagacidade.” (Professor 01, 27 anos).	1
Comportamento	“Os meninos, que geralmente, eles têm mais energia, mais força, são sempre os heróis da história, mas querem ser os mais corajosos, os mais fortes, é uma diferença na minha visão, que existe, gritante entre eles.” (Professor 02, 34 anos). “Os meninos eles tendem a responder com palavras, palavrões ou a serem mais agressivos de forma, falada ou de comportamento mesmo.” (Professor 04, 34 anos). “Os meninos são agressivos, inquietos, briguentos, dão trabalho para fazer a atividade, por que eles não prestam atenção, eles falam muito, eles são mais trabalhosos que as meninas.” (Professor 03, 31 anos).	3
Corpo	“Igualmente as meninas, seria o corpo físico.” (Professor 05, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Assim, como na pergunta anterior, os professores foram questionados sobre quais as principais características dos meninos. Em sua maioria, responderam que os meninos são mais agressivos do que as meninas, são mais briguentos, respondões e dão mais trabalho. Como na resposta anterior o professor 05 citou como diferença o corpo, segundo ele os meninos e as meninas se diferem no mesmo aspecto. Já os professores 02, 03 e 04 citam como características masculinas a agressividade, o barulho provocado pelas conversas e a desatenção, além de se sentirem mais fortes, com espírito de heróis.

Diante de tais afirmações, as características dos meninos, assim, como as das meninas, são impostas pela sociedade, descrevendo que os meninos tendem a serem mais agitados do que as meninas, não permitindo ser uma regra geral, em sua totalidade. Tal comportamento deve ser visto, e compreendido como algo natural de cada um. De acordo com Louro (1997, p. 24). “Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas”.

Em sua totalidade, independente de suas características, meninos e meninas possuem suas distinções independentes de seus sexos, cada um tem seu espaço e suas singularidades, não especificadas, não permitindo regras estabelecidas para cada um. A fala do professor 01 foi pontual em descrever que, assim como as meninas, ele não conseguiu citar uma característica fechada para os meninos, mas aponta a sagacidade. Tais discussões levaram a perceber que as características tanto masculinas quanto femininas ainda são padronizadas. A mulher continua sendo vista, como frágil, indefesa, e os homens como ativos nas atividades propostas. Nesta perspectiva, Louro (2013, p. 57) descreve que:

Ainda que a dominação masculina permaneça uma característica central da sociedade moderna, é importante lembrar que as mulheres têm sido ativas participantes na modelação de sua própria definição de necessidade. Além, do feminismo, as práticas cotidianas da vida têm oferecido espaços para mulheres determinarem suas próprias vidas.

Essa dominação existente entre homens e mulheres possui suas singularidades, mas a mulher está a cada dia conquistando seu espaço na sociedade moderna, e a escola é parte importante desse processo. Um grande aprendizado vai posicionar cada um em seu espaço social.

Nota-se nas falas dos professores a diferença existente entre homens e mulheres impostas culturalmente, evidenciando a agressividade masculina e ressaltando a fragilidade feminina. Porém, os meninos não podem apresentar comportamentos mais sutis do que as meninas, têm sempre que apresentar características denominadas masculinas. Desse modo, percebemos que os professores ainda não estão preparados para trabalhar com a diversidade existente em sala de aula.

QUADRO 8 - BRINCADEIRAS PREFERIDAS PELAS MENINAS

BRINCADEIRAS PREFERIDAS PELAS MENINAS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Brincadeiras apenas femininas	<p>“As meninas ainda têm brincadeiras voltadas para a maternidade.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“As meninas preferem brincar de boneca, casinha, comidinha e de escolinha. As meninas elas tendem sempre a copiar a professora ou a mãe, elas estão sempre brincando, nessa de imitação.” (Professor 04, 34 anos).</p> <p>“Na escola onde eu trabalho as meninas sempre levam bonecas, pecinhas de panela, talheres, elas sempre brincam de fazer comidinha, de dar mamadeira, de trocar fralda, das bonecas, dos filhos como elas chamam, elas são mais tranquilas, nas questões das brincadeiras.” (Professor 03, 31 anos).</p>	3
Brincadeiras regionais- só com meninas	<p>“Falo de experiências, de uma escola da zona rural, as brincadeiras é de esconde-esconde e outras brincadeiras assim, regionais, mas todas com meninas.” (Professor 01, 27 anos).</p>	1
Brincadeiras de costume femininas	<p>“Geralmente, já vem de praxe, de acordo com os costumes, meninas só podem brincar de boneca, com casinha, comidinha essas coisas, isso, é o que a gente está vendo, está ditado, que isso é somente de meninas.” (Professor 05, 27 anos).</p> <p>“Culturalmente falando, as meninas preferem brincar de bonecas, de casinhas, de comidinha, de mamãe e filhinha, culturalmente falando, é isso, embora hoje, eu já vejo na minha sala de aula meninas que preferem brincar junto com os meninos, de bola jogo, de luta, mas culturalmente falando seriam essas.” (Professor 02, 34 anos).</p>	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Os professores foram questionados sobre as brincadeiras preferidas de meninas. A maioria dos professores descreveu que as meninas preferem brincar no ambiente escolar, reproduzindo as normas estabelecidas, com referências direcionadas para os aspectos voltados para o cuidado com a casa e relativos à maternidade.

Já os professores 01, 03, 04 apresentaram em seus discursos, que as meninas tendem a serem mais tranquilas nas brincadeiras, diferente dos meninos, que em maior parte são mais agitados. De acordo com, Louro (1997, p.64):

Mesmo com o aporte das novas teorias e com os questionamentos provenientes dos estudos feministas, o debate sobre as “diferenças de habilidades físicas” entre os sexos continua controverso. Mais importante, contudo, do que determina se as distinções percebidas são naturais ou culturais, talvez seja observar o efeito que essa questão vem tendo na organização e na prática da disciplina.

As atividades desenvolvidas no ambiente escolar, em sua maioria, seguem por meio da separação entre meninos e meninas, dividindo grupo de estudo ou atividades de competições. O professor 05 cita que as meninas preferem brincadeiras, como de costume, não saindo do padrão feminista. Já o professor 02, descreve que, apesar das meninas seguirem as brincadeiras específicas impostas culturalmente, em sua sala de aula, as meninas estão preferindo brincar com os meninos, de brincadeiras ditas masculinas. Conforme, Silva (2013, p. 91):

As meninas que se aproximavam dos atributos masculinos eram avaliadas negativamente: agitada, irritada, desconhece limites, desorganizada, não é compreensiva quando contrariada. O mesmo acontece com os meninos que não correspondem às suas “características naturais”: cansado, lento, carente, preguiçoso, conservador, desinteressado. Situações que escapam do “natural” podem ser traduzidas como preocupantes na medida em que, “normalmente”, são indicativas de que esses alunos e alunas apresentam “desvios de conduta”. São chamadas situações inesperadas ou situações que dizem respeito aos “alunos-problema”.

A escola tende a tentar assegurar os papéis tanto femininos quanto masculinos, ditos como padrões, não levando em consideração as construções existentes historicamente. Nessas preposições, as análises de Silva (2013, p. 92) apontam que:

Os papéis masculinos e femininos que historicamente são arbitrados na nossa sociedade não só ao longo de sua história, mas, inclusive, na sua configuração atual. Apesar de que nos últimos anos tenham emergido outros discursos junto às escolas brasileiras propondo-lhe como “novo desafio”, a partir dos novos parâmetros curriculares implantados pelo MEC, rever seu papel homogeneizador. Ganham expressão, nesse contexto, os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais.

Diante de tais embasamentos, as descrições feitas pelos professores estão voltadas ainda para as brincadeiras impulsionadas culturalmente e impostas há muitos anos. Cabe aos professores por meio das reformulações tanto do Ministério de Educação e cultura (MEC) quanto do PNE, trabalhar em sala de aula, a homogeneização. Por meio desse questionamento, foi possível analisar que os professores, no ambiente escolar, ainda tratam as brincadeiras separadamente.

QUADRO 9 - BRINCADEIRAS PREFERIDAS PELOS MENINOS

BRINCADEIRAS PREFERIDAS PELOS MENINOS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Brincadeiras regionais do campo	“Futebol, jogo, luta e brincadeira que envolva geralmente, pra quem mora no campo, a imitação de animais, menino gosta de brincar de cavalo de pau, de coisas, que tenham o contexto do campo.” (Professor 02, 34 anos).	1
Brincadeiras de costume masculinas	“Bola, carro, bicicleta, que isso também, já está contextualizado nas nossas mentes, que isso somente meninos podem brincar, que até quando nascem menino ou menina, quais os primeiros brinquedos? Bola ou boneca, mas isso vai depender do que eles possam vir a gostar de brincar.” (Professor 05, 27 anos). “Pronto, já os meninos eles brincam mais de bola, que é o futebol ou de bola em si, outros jogos de bola e também de correr, às vezes, a brincadeira de correr em si, não importa, se eles estão em uma brincadeira sistematizada assim, com regras e tudo, ou então, só o correr livres pra eles já é, uma brincadeira divertida, já as meninas não, elas são mais quietinhas, mais centradas, a maioria.” (Professor 04, 34 anos). “As brincadeiras preferidas dos meninos, eles levam careta, aquelas máscaras na verdade, máscaras pra botar, um na cara do outro, e ficar correndo um atrás do outro, empurrando, derrubando, gritando, são brincadeiras mais violentas, vamos dizer assim.” (Professor 03, 31 anos).	3
Futebol	“Futebol” (Professor 01, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Em outro momento, os professores foram indagados sobre quais as brincadeiras preferidas dos meninos. Como já mencionado na questão anterior, em relação às meninas, os professores citaram brincadeiras culturalmente voltadas para os meninos, futebol, carrinho, brincadeira de correr, sempre brincadeiras mais agitadas. Nenhum professor citou alguma brincadeira com aspecto feminino.

O professor 02 citou brincadeiras regionais do campo, mas sempre voltados para o aspecto masculino. Culturalmente falando, os meninos não deve brincar com brincadeiras femininas, como pular corda, amarelinha, bonecas e casinha. Já para meninas estão proibidas as práticas de brincadeiras violentas, como futebol, carrinho e luta. Atividades que, de certa

forma, prejudiquem a feminilidade ou a masculinidade das crianças. Silva (2013, p. 90) afirma que:

As escolas estão repletas de meninas que brincam com carrinhos, bonecos de jogos de guerra e meninos que preferem brincar de casinha e com bonecas. Isso pode se constituir num problema ou não, mas a expectativa é de que a professora vá orientá-los na escolha do brinquedo adequado pra cada gênero.

As brincadeiras recorrentes em sala de aula não interferem na escolha específica de cada gênero, em sua maioria os professores, intervêm nessa escolha, não permitindo que o aluno faça a sua própria opção. Os professores 03, 04, 05 além de descreverem o futebol como brincadeira preferida, falam que tais brincadeiras já estão internalizadas em nossas mentes como sendo específicos dos meninos. Uma fala do professor 05 apresenta um aspecto importante, quando nasce uma menina, já compramos uma boneca, se for um menino uma bola. Dessa forma, quando a criança desperta o interesse inverso, de alguma forma, começam a serem repreendidos pelos adultos. O professor 01 cita apenas o futebol, como brincadeira preferida de meninos.

Mas, apesar dessas raízes incorporadas, as brincadeiras hoje, nas escolas, na disciplina de educação física, por exemplo, estão deixando de ser específica tanto para meninos quanto para meninas. Com isso, Silva (2013, p. 92) vem enfatizar que:

Atualmente existem evidências, inclusive no tradicional campo da educação física, de que algumas mudanças estão ocorrendo. Professores dessa disciplina são desafiados a trabalhar com novos referenciais à luz das diferentes exigências da sociedade em geral. Não causa mais espanto o fato de meninas praticarem esportes historicamente considerados masculinos como futebol, por exemplo.

Com uma sociedade moderna, as meninas não precisam mais provar sua feminilidade, apresentando habilidades em um esporte masculinizado. Essas vastas transformações são resultado das mudanças dos efeitos e multiplicidade de significados, que estão em cena para definir as questões de gênero, em uma sociedade cujo foco principal ainda é a heterossexualidade.

Desse modo, Rodrigues (2003, p. 59) descreve que “Os padrões de jogo tipificado por gênero resultam de modelos culturais e contingências ambientais as quais sevem para ensinar e manter comportamentos de papéis de gênero tradicionais”. Nas falas dos professores entrevistados, as brincadeiras preferidas dos meninos são específicas do gênero masculino, seguindo padrões transmitidos tradicionalmente pelos adultos.

QUADRO 10 – FORMAÇÃO CONTINUADA

QUAL FORMAÇÃO O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL TEM PARA TRABALHAR O TEMA?		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Nenhuma	“Até hoje, nenhuma, nós não passamos por nenhuma formação pra trabalhar essa temática, a gente busca, pesquisar por conta própria, mas, uma formação específica pra trabalhar a sexualidade, pelo menos no meu grupo de trabalho, a gente ainda não teve.” (Professor 02, 34 anos).	1
Disciplina na graduação	<p>“Os professores de educação infantil, atualmente tem uma disciplina, pelo menos os que se formam no curso de pedagogia, tem uma disciplina em relação à sexualidade e a gênero na escola.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“Acredito que suficiente não, não tem formação suficiente. Por que a formação que o professor tem, eles recebem nas disciplinas de psicologia, que uma coisa muito superficial, muito leve, não vê em si, não tem aquela coisa mais detalhada, não tem aquele assunto abordado, de uma forma mais profunda.” (Professor 04, 34 anos).</p> <p>“Na graduação, que há disciplinas que trabalham sobre o sexo, sobre a sexualidade, cursos e minicursos.” (Professor 05, 27 anos).</p> <p>“Eu não tenho nenhuma formação, apesar de que, na minha graduação, ter pagado uma cadeira de psicologia, que falou sobre o tema, mas, foi uma coisa bem superficial, e eu não me sinto preparada, eu queria que tivesse uma capacitação pros professores, para que a gente pudesse trabalhar melhor esse tema, que é tão importante.” (Professor 03, 31 anos).</p>	4
PCNs – orientação sexual	“Também, se são professores comprometidos com o ensino, tem o PCN. Os PCNs de orientação sexual, que embora necessite de uma atualização, mas, balizam algumas questões relacionadas ao tema, mas, não tem uma formação tão ampla, mesmo por que, quando a gente pensa, em discussão de gênero, é o próprio plano municipal de educação, prevê que a câmara municipal de vereadores, que tem que escolher se uma discussão é pertinente, ou não na escola, então, isso demonstra que ainda, que o professor tenha uma formação, ele ainda não pode realizar um trabalho sozinho.” (Professor 01, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

A discussão com os sujeitos seguiu a partir da indagação sobre qual formação os professores da educação infantil possui para trabalhar o tema sexualidade. Os professores entrevistados destacam não terem formação alguma para trabalhar com a temática em sala de aula, mencionando apenas um estudo superficial do tema na graduação e, por último outro ponto relevante, um único professor destaca que se orienta a partir dos PCNs.

Nesta perspectiva, Alvarenga e Dal'Igna (2013, p.64) descrevem as observações trazidas pelos PCNs para Orientação Sexual. “Os PCNs argumentam ainda que falar em sexualidade não se restringe às questões biológicas, mas também às psicológicas e sociais. Assim, propõem um trabalho que aborde o corpo na sua relação com o meio”. O professor precisa estar atento a novas pesquisas para entender e trabalhar a temática de forma satisfatória em seu ambiente de ensino.

O professor 02 fala claramente que não possui formação alguma para trabalhar a sexualidade em sala de aula, que procura pesquisar sozinho sobre o tema e que em seu grupo de trabalho, nenhum profissional possui formação nessa área. Já os professores 03, 04 e 05 relatam que a única formação que receberam para trabalhar o tema sexualidade em sala de aula foi durante a disciplina de psicologia na graduação, afirmando ser algo superficial, que não proporcionou uma base tão aprofundada.

O professor 01, além de citar que a única forma de conhecer um pouco sobre a sexualidade é na graduação, propôs que os professores comprometidos com seu trabalho busquem auxílio a partir dos PCNs, mas enfatiza que o mesmo precisa de uma atualização. O professor 01 ainda traz a discussão a respeito da inserção das questões de gênero e a sexualidade no PNE, discussões amplas envolvendo deputados, vereadores e todo corpo político. Desse modo, BRASIL (2001, p. 129) vem abordar que:

O trabalho de Orientação Sexual pode ser planejado com maior detalhamento, tendo como ponto de partida a montagem do programa feita por cada turma. Cabe então ao educador responsável a organização dos temas (a partir das questões trazidas pelos alunos), a inclusão de tópicos essenciais por vezes não levantadas pelos jovens (prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo) e o estabelecimento de regras necessárias para o trabalho.

Orientação Sexual nos PCNs é um meio da inserção da sexualidade no âmbito escolar. Em virtude do aumento de casos de gravidez na adolescência e também pelo risco da contaminação pelo HIV, a temática Orientação Sexual foi criada como um dos temas transversais a serem trabalhados na escola. Desse modo, Alvarenga e Dal'Igna (2013, p.64) nos mostram que “Um dos argumentos que, para esse debate, merece destaque é a

necessidade de incluir temas a esse respeito no currículo em função do crescimento dos casos de gravidez entre adolescentes e o risco de contaminação pela Aids.” Cabe ressaltar que a escola e não só a família devem desenvolver uma ação reflexiva e ainda educativa para a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes.

Os questionamentos dos professores vêm enfatizar a falta de formação continuada para trabalhar o tema em sala de aula, eles precisam pesquisar em outros meios, pois apenas obtiveram uma pequena discussão sobre a temática na graduação na disciplina de psicologia. É imprescindível que as Secretárias de Educação ofereçam uma formação voltada para a sexualidade, pois o tema é relevante para a vida das crianças, e os professores precisam estar preparados para contextualizar o tema em sua sala de aula. Levando em consideração que a sexualidade consiste no que há de mais íntimo do ser humano, posta entre as *disciplinas do corpo* e participa da regulamentação de toda população.

QUADRO 11 – O QUE OS ALUNOS PERGUNTAM SOBRE SEXUALIDADE?

PERGUNTAS SOBRE SEXUALIDADE		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Sim	“Sim, a maioria deles fazem.” (Professor 02, 34 anos).	1
Indiretamente	“É, perguntas, assim, diretamente a mim não, mas, eu sempre vejo, eles comentando que fulano da sala é mais bonito do que sicrano, que ela quer ele como namoradinho, eu vejo assim, esse tipo de conversa entre eles.” (Professor 03, 31 anos). “Fazem perguntas, insinuam alguns temas, mais nada muito profundo”. (Professor 01, 27 anos).	2
Raramente	“Raramente, e sem a convicção de que estão, fazendo perguntas sobre sexualidade, mas que faz, faz.” (Professor 04, 34 anos). “Um dificilmente.” (Professor 05, 27 anos).	2

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Destarte, os professores foram questionados se seus alunos fazem perguntas sobre sexualidade. Em meio as categorias estabelecidas, os professores responderam que sim, raramente e indiretamente. A sexualidade infantil é a nascente original de toda e qualquer curiosidade, mas como seu desígnio é privilegiado por meio da obtenção de prazer, é imprescindível que o sistema educacional, o professor em particular, conheça a noção exata disso, e que possa fazer de sua atividade pedagógica, uma atividade satisfatória. É através de

um saber instruído, a alcançar o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, Foucault (1988, p. 17) aborda que:

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos — proibições, recusas, censuras, negações — que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso.

As questões sexuais, não devem ser tratadas como algo anormal, pois já nascemos com ela. O professor 02 foi sucinto em suas falas e citou apenas que os alunos fazem sim perguntas sobre a sexualidade. Nessa etapa, a criança passa a notar que tanto ela quanto as demais possuem órgãos genitais. Seus questionamentos seguem em torno de como nascem os bebês, como as mães engravidam.

Desse modo, BRASIL (2001, p. 113) vem abordar que:

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que relacionam com o conhecimento das origens de cada e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão.

É por volta dos três aos seis anos de idade que a criança começa a despertar uma grande curiosidade sobre tudo que acontece ao seu redor. Os professores 01 e 03 relatam que seus alunos não fazem perguntas direcionadas a eles, mas sempre escuta conversas entre os alunos voltadas para a temática, e também insinuações, mas nada muito aprofundado. É por meio de toda essa curiosidade que as crianças manifestam nesta fase, que a família e a escola devem estabelecer sempre o diálogo com as crianças, não omitindo informações, mentindo para elas ou reprimindo-as. Mas os adultos não se sentem preparados, possuem muito medo em falar sobre o assunto claramente com as crianças.

Diante disso, Foucault (1988, p. 17) descreve que:

Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a "vontade de saber" que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento.

As curiosidades das crianças permitem ao professor pesquisar mais sobre o assunto, para assim transmiti-lo com confiança, informando a eles apenas aquilo que lhe foi perguntado. O professor 05 não fez nenhum comentário sobre o assunto, apontou apenas que, dificilmente, as crianças fazem perguntas sobre sexualidade. Apesar de sabermos que as crianças, nessa fase são extremamente perceptivas, atentas a tudo que acontece ao redor. A criança reconhece quando o adulto está mentindo para ela, e procura questionar mais para esclarecer suas dúvidas.

Diante disso, é imprescindível que as dúvidas sejam esclarecidas e que os questionamentos feitos pelas crianças obtenham respostas satisfatórias, de modo a não confundi-las, sem rodeios, pronunciando apenas a verdade objetiva. Nessa etapa, as crianças deparam-se com as diferenças entre meninos e meninas anatomicamente, e aos poucos começam a sentir as excitações físicas.

QUADRO 12 - INDAGAÇÕES MAIS FREQUENTES SOBRE SEXUALIDADE

AS PERGUNTAS MAIS FREQUENTES		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Apontam as perguntas dos alunos	<p>“As vezes perguntam, por exemplo, em relação ao casamento, se o professor tem namorada, como é a namorada ou lembra algum detalhe de casa e traz pra escola, vez por outra, solta alguma coisa como masturbação mais não é nada muito exacerbado.” (Professor 01, 27 anos).</p> <p>“Por que não posso usar o mesmo banheiro das meninas? E como trabalho com creche, também tem banho, por que não podemos tomar banho junto com as meninas? E dificilmente, sobre os órgãos. Por que fulaninho tem o pintinho e eu não tenho.” (Professor 04, 34 anos).</p> <p>“As perguntas mais frequentes são sempre relacionadas ao corpo deles, onde começam a indagar a questão de comportamento, começam a questionar por que o menino age de tal forma, e a menina age de tal forma.” (Professor 02, 34 anos).</p> <p>“Foi ao surgimento do ser humano, ao nascimento de uma criança, que tem sempre um pouco de dúvida em relação a isso.” (Professor 05, 27 anos).</p>	4
Perguntas a mim não	<p>“Assim, perguntas a mim não, mas eu, eu sempre vejo, eu quero namorar com fulano, por que fulano vem mais bem arrumado, fulano vem cheiroso, que os meninos também, têm uma menina na sala, que eles acham ela mais bonita.” (Professor 03, 31 anos).</p>	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Neste tópico os professores foram questionados sobre quais são as perguntas mais frequentes feitas por seus alunos a respeito da temática. Os professores foram pontuais em suas falas, ao apontar em categorias, os questionamentos das crianças e as perguntas não diretas. Com isso, percebemos as diferentes falas em relação ao questionamento das crianças.

O professor 03 destaca que as crianças não fazem perguntas direcionadas a ele, apenas escuta conversas relacionadas com o tema, na questão dos aspectos físicos das crianças. A colocação feita pelo professor nos faz refletir que a curiosidade das crianças sobre a sexualidade acontece desde cedo, a partir do conhecimento do seu próprio corpo. Para isso, BRASIL (2001, p. 130):

As manifestações da sexualidade infantil mais frequente acontecem na realização de carícias do próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, com piadas e músicas jocosas que se referem aos sexos, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta.

Assim, em outra ótica, o professor 01 traz os questionamentos dos seus alunos, relacionados à prática do casamento e a vida afetiva do professor. Nada muito exacerbado, como assim cita no final de sua fala.

Por sua vez, o professor 04 relata que as perguntas mais frequentes de seus alunos estão relacionadas à separação de banheiro específico de meninos e de meninas, e em outros casos a diferença dos órgãos genitais. De acordo com Rodrigues (2003, p. 27), “Apesar de as crianças não serem sexuais no sentido do adulto, o desenvolvimento da resposta erótica inicia-se na infância. O reconhecimento do eu sexual como aspecto integrante da identidade inicia-se com atitudes acerca do corpo físico”.

Os questionamentos das crianças, em sua maioria são estabelecidos a partir da diferença entre os corpos femininos e masculinos, logo elas querem saber o porquê dessa diferença, assim afirmou o professor 02, ao dizer que seus alunos questionam a respeito da diferença entre o corpo e comportamentos dos meninos e das meninas. Conforme, BRASIL (2001, p. 34), “A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde”.

O professor 05 apresenta os questionamentos das crianças a respeito do nascimento humano. Os questionamentos descritos pelos professores enfatizam dúvidas que se fazem presentes nas vidas das crianças, cabe ao professor ser cauteloso e responder apenas o que

lhes foi perguntado, sem mais explicações ou intervenções que levem para outras informações que não foram questionadas.

QUADRO 13 – TEMAS SOBRE SEXUALIDADE CONTEMPLADOS NO PLANEJAMENTO ANUAL

TEMA DE SEXUALIDADE NO PLANEJAMENTO ANUAL		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Sim	“Sim, no planejamento anual, ele contempla vários temas, porque é uma escola multisseriada, a gente trabalha desde o próprio conhecimento do corpo, trabalha até o abuso sexual, em campanhas e projetos realizados anualmente na escola.” (Professor 02, 34 anos).	1
Abuso sexual	“O 18 de maio, na campanha de combate a violência e exploração sexual, da criança e adolescente, a gente trabalha a semana toda sobre a sexualidade.” (Professor 04, 34 anos). “Nesse ano não foi contemplado, mas no decorrer do ano como o plano é flexível, foi acrescentado no plano, para trabalhar o tema da sexualidade, em relação ao dia 18, que é o dia do abuso sexual contra a criança e o adolescente.” (Professor 05, 27 anos). “É na escola, não tem no planejamento semanal e nem no anual, falado, não tem nada sobre. Apesar de que, o município fez trabalho contra o tema abuso sexual, então, a gente trabalhou essa semana sobre o abuso sexual infantil. Levamos um palestrante para falar sobre o tema e trabalhamos também atividades relacionadas ao tema durante toda a semana.” (Professor 03, 31 anos).	3
Não	“Necessariamente, assim, um tema sexualidade não, mas as discussões eu vou levando pra isso. Mas trabalhar um conteúdo, voltado pra isso em sala de aula, eu estaria sendo hipócrita de dizer que tem, porque não existe.” (Professor 01, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

Os professores foram questionados se, em seu planejamento anual, eles contemplavam algum tema sobre a sexualidade, quatro dos cinco entrevistados disseram que tinham trabalhado o dia 18 de maio, que é o dia de combate ao abuso sexual contra crianças e

adolescentes, orientados a partir de um projeto estabelecido pelo município, no qual todas as escolas da cidade participaram.

O professor 01 foi o único a citar a não inserção do tema nos planejamentos anuais e semanais, mas afirma levar para a sala de aula discussões sobre o tema. A inserção do tema nos planejamentos das escolas gera muitas discussões e problemas envolvendo as autoridades, tanto políticas como religiosas, apesar de que o tema é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Desse modo, Foucault (1988, p. 32) enfatiza que:

A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder.

Foucault em sua fala vem trazer que a sexualidade da criança, desde o século XVIII, passou a ser visto como algo importante, tornando-se alvo de discussões e problematizações, especialmente, no tocante ao discurso sobre a sexualidade. O professor 02 relata que são abordados em seu planejamento temas como a sexualidade e outras temáticas voltadas para o conhecimento do próprio do corpo e afirmou ainda que segue as campanhas e projetos realizados anualmente pela instituição de ensino na qual trabalha. Nesta perspectiva, BRASIL (2001, p. 111) aborda que:

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens.

Os professores 03 e 04 descrevem que o planejamento foi voltado para o dia 18 de maio, o dia do combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes. Sobre isso o professor 03 relata que o tema não estava incluído no planejamento semanal, nem anual, mas seguiu o projeto do município e trabalhou a temática, por meio de palestras e atividades voltadas para o tema toda a semana. Já o professor 05 relata que a temática da sexualidade não foi contemplada no planejamento anual de 2016, mas no decorrer do ano, como os planos anuais e semanais são flexíveis, acrescentou-se ao plano a ação voltada para o dia 18 de maio, dia do combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Para a discussão do tema, BRASIL (2001, p. 123) enfatiza que “Para um trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e

professor”. Como percebemos por meio da entrevista, os planejamentos das escolas ainda não possuem nada específico sobre a sexualidade, embora, já tenha sido aprovado no PNE. A resistência em relação ao tema, ainda é muito constante. Dessa forma, BRASIL (2001, p. 122) enfatiza que:

A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma ação total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para compreender essa tarefa.

Com isso, é imprescindível a ação da escola em abordar os diversos pontos de vistas e valores existentes em nosso meio social, auxiliando as crianças a lidar com os conteúdos que fazem parte do seu dia a dia.

QUADRO 14– TEMAS ABORDADOS NA TEMÁTICA DE SEXUALIDADE

QUE TEMAS SÃO TRABALHADOS		
CATEGORIA	DISCURSO	Nº
Comportamento	“A sensibilidade, o comportamento, a questão social e a própria questão da sexualidade, o abuso sexual, o conhecimento do próprio corpo, embora não seja de forma tão aprofundada, por conta da falta de formação de professores.” (Professor 02, 34 anos).	1
Abuso sexual	“Apenas o abuso sexual, outros temas não, só foi apenas esse.” (Professor 03, 31 anos). “Foi trabalhado o projeto contra o abuso contra a criança e o adolescente, que eu trabalhei a respeito da origem do ser humano, os órgãos genitais. Primeiro foi conhecer o nosso corpo, como foi agora no início do ano, e em relação a esse conteúdo, que era mais para o final do ano, eu adiantei um pouco do conteúdo pra eles verem, conhecerem primeiramente o corpo humano, sem aquela coisa de outro mundo, após conhecer o corpo humano, vê como surgiria um novo ser.” (Professor 05, 27 anos).	2
Diferentes conteúdos	“Identidade, o corpo e as emoções, a gente dá uma pincelada sobre abuso sexual, sobre o que pode e o que não pode, quais as partes do corpo que podem ser tocadas, quais as que não, de como a criança deve se vestir, e as diferenças também no corpo da menina e no corpo do menino.” (Professor 04, 34 anos).	1
Questões de gênero	“Quando a gente discute brincadeiras de meninos e meninas, quando se trabalha algum texto como, por exemplo, o texto da bailarina de Chico Buarque, a imagem da bailarina, que é uma imagem muito feminina, tentar um tanto desmitificar isso, os textos levam pra uma discussão de gênero ou naturalmente isso ocorre.” (Professor 01, 27 anos).	1

FONTE: Entrevista realizada pela pesquisadora.

A entrevista seguiu questionando os educadores sobre, que temas são trabalhados em sala de aula, a partir da temática da sexualidade. Os professores em sua maioria citaram o abuso sexual contra crianças e adolescentes, seguido pelos critérios de comportamentos, questões de gênero e diferentes conteúdos.

O professor 03 e o professor 05 destacaram também o trabalho em sala de aula da questão do abuso sexual contra crianças e adolescentes, tema apresentado por todas as escolas

da cidade. Afirmaram também não terem trabalhado outros temas relacionados. Com as falas dos professores, podemos perceber que outros temas de fundamental importância não são trabalhados em sala de aula, em relação a isso, BRASIL (2001, p. 121) vem transmitir que:

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa.

A escola é de importância ímpar na aprendizagem da criança, permitindo um elo entre as questões sociais, na busca por desmitificar os mitos relacionados à sexualidade presentes em nossa sociedade. O professor 02 leva em consideração a questão de comportamento, do abuso sexual, já citados pelos professores 03 e 05, também levanta o questionamento a respeito da falta de formação dos professores para trabalhar a temática. A escola precisa estabelecer em seu planejamento de ensino a inserção dos temas transversais, priorizando a Orientação Sexual, como fundamento primordial, permitindo que as dúvidas sejam esclarecidas, para que a temática seja tratada de forma específica e direta. Diante disso, BRASIL (2001, p. 131) vem abordar:

Ao definir o trabalho com Orientação Sexual como uma de suas competências, a escola estará incluindo-o no seu projeto educativo. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Orientação Sexual e sua explicação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos.

O professor 04 relata trabalhar diversos conteúdos voltados para a sexualidade, tais como identidade, comportamento, emoções e como os demais o abuso sexual, levando em evidência para as crianças as partes do corpo que podem ser tocadas ou não. Já o professor 01 traz a discussão voltada para as questões de gênero no ambiente escolar, em vista da desmitificação da menina como sensível e frágil, a partir de textos que trazem a temática. Nesta perspectiva, Rodrigues (2003, p. 20) enfatiza que:

A teoria da aprendizagem de gênero social enfatiza que os papéis de gênero são aprendidos pelos mesmos processos que outros tipos de informação social e comportamento e que os pais, os professores e a sociedade são responsáveis por quaisquer ideias e comportamentos de papéis de gênero que a criança demonstre.

As questões de gênero estabelecidas são culturalmente constituídas pela sociedade, através de padrões impostos por homens e mulheres, iniciando-se logo ao nascimento, quando

estabelecemos objetos e vestimentas de cores específicas rosa ou azul, seja qual o sexo. A criança espelha-se no que lhe foi apresentado, quando saem dos padrões estabelecidos, as crianças sofrem preconceitos.

Por último os professores foram questionados sobre, como eles iriam trabalhar os temas citados em sala de aula. Os mesmos responderam de formas diversificadas, indicando a questão da adequação à realidade dos alunos, citaram ainda, como métodos utilizados: palestras, atividades xerocopiadas, pinturas, vídeos relacionados ao tema, rodas de conversa, livros e textos.

O professor 02 relatou que trabalha esses temas utilizando metodologias diversificadas, procurando sempre adequar à realidade dos alunos, porém, argumenta que seus alunos têm idades diferenciadas, por ser uma sala multisseriada, expõe ser difícil abordar o tema, enfatizando o problema dos questionamentos, pois não pode elevar e nem diminuir o nível ao apresentar os temas, em virtude da diferença de idade. Por fim, o professor 02 concluiu sua resposta afirmando que a diferença de idade é o seu pior empecilho, para apresentar a temática em sua sala de aula, relata também que, “um aluno de 4 anos ele não precisa aprender da mesma forma que um aluno de 8, que um aluno de 10, o conhecimento dele deve ser baseado a idade dele, aquela curiosidade que ele tem naquele momento.”

A curiosidade de cada criança deve ser sanada visando, apenas o que ela quer saber, não se prolongando nas respostas, sendo claro e objetivo, sempre analisando primeiro qual o conhecimento da criança, sobre aquilo que ela está questionando. Desse modo, BRASIL (2001, p. 138) aborda que “Os conteúdos de Orientação Sexual podem e devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento”.

Os professores 03 e 04 afirmam que trabalham o tema através de atividade xerocopiada, determinadas para meninos e para meninas, palestras sobre o tema, pinturas, montagem de desenhos, rodas de conversa, nas quais eles vão conversando naturalmente sobre o corpo, sobre as emoções, sobre sentimentos, apresentado uma forma natural e sucinta para que a criança não se constranja com o tema e também não encare como uma coisa feia ou que não pode ser conversada, porque faz parte da vida deles.

Nesta perspectiva, Louro (1997, p. 64) destaca que:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtos. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.

Dessa forma, os sujeitos entrevistados afirmaram que trabalham atividades bem produtivas, e que visam também, a questão de higiene do corpo e a confiança. Nesta perspectiva, BRASIL (2001, p. 141) enfatiza que: “O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas, mas também preventivas. A escola deve, então, atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região”.

O professor 05 destacou que trabalha o tema focando nas curiosidades de seus alunos e, que procura perceber o que eles querem saber com o questionamento. Depois de identificar o que querem saber, procurar trabalhar textos informativos. Desse modo, BRASIL (2001, p. 130) nos diz que:

Se é pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que são ao convívio social.

O professor 01 afirmou não ter projetos para trabalhar o tema, a maioria dos projetos enfatizam datas comemorativas ou projetos de leitura e escrita, nada voltada para sexualidade. O professor levanta a discussão a partir da inserção do tema no PNE, quando os próprios coordenadores e supervisores, que possui um conselho, que vai pensar se o tema pode ou não ser discutido no ambiente escolar, comprometendo o trabalho da escola. O professor 01 ressaltou também a falta de formação que é consistente nessa área, enfatizando a discussão na câmara de vereadores, como aconteceu em algumas cidades circunvizinhas, tendo a interferência de movimentos religiosos e políticos.

As falas dos professores entrevistados deixam claro uma preocupação, a falta de uma formação voltada para a sexualidade em sala de aula. Os professores não se sentem preparados para trabalhar a temática e não possuem um embasamento teórico que fundamente tal trabalho, além disso, os professores não buscam informações sobre a temática para poderem explicar em sala de forma satisfatória.

Ao interpretar os dados, além das compreensões já indicadas, pode-se afirmar que as respostas apresentadas pelos professores revelam grande preocupação, diante da importância que o tema adquire em cada etapa da vida das crianças. Os professores quando indagados sobre o tema mantêm um posicionamento ainda muito retrogrado em relação à sexualidade das crianças.

Com isso, Louro (1997, p. 64) afirma que:

Os questionamentos em torno desse campo, no entanto, precisam ir além, das perguntas ingênuas e dicotomizadas. Dispostas/os a implodir a ideia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais, aberto, de uma problematização mais ampla [...].

Os questionamentos das crianças são voltados para curiosidades momentâneas, cabe ao professor, saber interpretar e responder de forma clara e objetiva. Desse modo, percebe-se a necessidade de uma formação continuada para os professores da cidade de Santa Helena – PB, para que os professores ampliem seus conceitos e conhecimentos em relação aos temas. Diante da experiência vivenciada e, a partir da análise dos dados, evidencia-se que as concepções apresentadas pelos professores apresentaram aspectos fechados, com pouco entendimento sobre a temática, deixando explícito em suas falas ser um tema difícil e amplo.

Diante da temática trabalhada, os professores entrevistados relataram ter trabalhado um único tema em suas aulas, a exploração sexual contra criança e adolescente. Diante disso, reforçamos a carência de trabalhos com a temática da sexualidade e reafirmamos a urgente necessidade de promover ações voltadas à formação continuada de professores da educação infantil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações sobre nossas conclusões precisam ser elucidadas: 1 - Nossa amostra é muito pequena e não pretendemos fazer generalizações de nossos dados; 2 - Todos os participantes desta pesquisa são graduados em pedagogia e com especialização na área; 3 - A temática da sexualidade não é um campo de estudos de nenhum dos entrevistados.

A sexualidade é um tema muito falado e pouco entendido, os discursos pontuais dos professores sugerem que o assunto não é foco de interesse de nenhum dos entrevistados. O fato de alguns professores afirmarem que o assunto é “amplo e difícil” nos alerta para a necessidade de existir mais investimento na formação destes profissionais.

O fato de dois professores ainda considerarem que existe uma idade certa para começar a falar sobre a sexualidade com as crianças é um forte indicativo de que estes professores desconsideram os aspectos relacionados aos papéis masculino e feminino, já presentes na fala de crianças bem pequenas, ao tema sexualidade. Poderíamos ainda mencionar outros aspectos da sexualidade que são naturalmente conversados com as crianças bem pequenas: 1- Os cuidados com o corpo; 2- A escolha dos brinquedos; 3 – As roupas “apropriadas”, entre outros.

Percebemos nas falas dos professores uma visão fragmentada sobre a temática da sexualidade. A percepção de que a sexualidade está ligada apenas ao corpo e a intimidade de cada indivíduo (apresentada por 2 professores) são indicativos de que estes professores não percebem os aspectos sociais e históricos dos conceitos.

Os professores citam características distintas para meninos e para meninas, as meninas devem sempre obedecer aos padrões estabelecidos, sendo meigas, calmas, carinhosas, sensíveis, características consideradas femininas, e já os meninos não podem apresentar comportamentos mais frágeis, do que as meninas. Devem manter sempre as características de dominadores. Com isso, citam brincadeiras culturalmente apresentada pela sociedade como específica tanto pra meninas quanto para os meninos.

Diante da temática pesquisada, os professores entrevistados relatam ter trabalhado um único tema em suas aulas, a exploração sexual contra criança e adolescente, proposta feita pela Secretaria de Educação do município. A temática foi exposta através de: palestras, atividades xerocopiadas, e as atividades específicas, pinturas, vídeos relacionados ao tema, rodas de conversa, livros e textos.

A partir dessa investigação, notamos um despreparo dos docentes com a inserção do tema nos seus planejamentos, tanto semanal, quanto anual. Desse modo, não é necessário generalizar todas as informações obtidas, em vista que, alguns professores se diferenciam em seus argumentos. No entanto, a pesquisa possibilitou apontar a necessidade de uma formação continuada para a qualificação dos professores, para que trabalhem em suas aulas, o tema sexualidade.

De modo geral, novas pesquisas na área, voltada para uma formação de novos conhecimentos, seriam de grande aproveitamento para os professores. Pois, os mesmos relatam essa falta de informação, e com isso o despreparo para lidar com o tema em sala de aula. Estabelecendo um elo entre a teoria e prática vivenciada no dia a dia escolar, permitindo uma ascensão da aprendizagem. O tema sexualidade precisa ser implementado, na formação inicial e também na formação continuada dos professores, fazendo com que, desenvolvam em suas práticas pedagógicas conteúdos contextualizados com as vivências inerentes da criança.

5. REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**. Ano 9. 2º Semestre 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>> Acessado em: 02 nov. 2015.

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In: MEYER, Dagmar (Org); SOARES, Rosangela **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Ed: Mediação 3. Ed. Porto Alegre 2013. p.62-72.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos Temas Transversais: ética/ Ministério da Educação. 3. Ed. Brasília, 2001. p. 146.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural: Orientação Sexual/ Ministério da Educação. 3. Ed. Brasília, 2001. p. 146.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília – DF: 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/saeb/parametros-curriculares-nacionais>> Acessado em: 08 mar. 2016.

CAMPOS, Rosângela Venâncio de; BARBOSA, Sigmar Alves. A sexualidade e a sala de aula. In: **TRANSVERSAL - Revista Anual do IEDA**, v.4, n.4, 2006. Disponível em: <<http://faculdadeieda.com.br/transversal/downloads/edicao4/a-sexualidade-e-a-sala-de-aula.pdf>> Acessado em: 04 de nov. 2014.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar (Org) & SOARES, Rosangela. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 3. Ed. Porto Alegre. Ed: mediação 2013. p. 31-40.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: A Vontade de Saber**. 12. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Ed: Imago. Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Esboço de psicanálise**. Obras completas, V. XXIII. Ed: Imago. Rio de Janeiro, 1940.

_____. **Cinco lições de psicanálise de Leonard da Vinci e outros trabalhos**. (1910) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XI. Imago Editora. 1970. Rio de Janeiro.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. In: **Educativa**. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2012.

HEILBORN, Maria Luiza. **Fronteiras Simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92.

_____, BRANDÃO, Elaine Reis. “Ciências Sociais e Sexualidade”, In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Ed: IMS/URJ. Rio de Janeiro, 1999, p. 7-17.

_____, PRADO, Rosane (1995). **Na hora H a gente não exige**: estudos sobre mulheres, sexualidade e AIDS. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional da ANPOCS. Caxambu.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo. Ed: Atlas, 2010.

LEÔNICIO, Joana Maria Macedo. A orientação sexual nas escolas a partir dos parâmetros curriculares nacionais. In: **Revista da Faculdade Eça de Queirós**. Educação, Gestão e Sociedade. ISSN 2179-9636, Ano 3, número 12, novembro de 2013. Disponível em: <www.faceq.edu.br/regs> Acessado em: 10 nov. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. 1. Ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: _____(org.). **O Corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Ed: Autêntica. Belo Horizonte, 2013. P 176.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Ed: Vozes. 6 Ed. Petrópolis, RJ, 1997.

MARCAL, Eliane Subtil. Desenvolvimento Psicosexual. In: **Portal Educação**. Campo Grande, MS, 2013. Disponível em: <
<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/39697/desenvolvimentopsicosexual#!1>
> acesso em: 10 nov. 2015.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 3. Ed. Ed: Mediação. Porto Alegre, 2013. 120 p.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. (Org). Pesquisa social: teoria, método e criticidade. In: NETO, Otávio Cruz; DESLANDES, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. **Pesquisa social**. Ed: Vozes. Petrópolis Rio de Janeiro 1994. p.51-66.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Ed: Atlas São Paulo, 1985.

RODRIGUES, Paula. **Questões de gênero na infância, marcas de identidade**. Lisboa. Instituto Piaget. 2003.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 2 p. 71-99, 1995.

SILVA, Rosimeri Aquino da. O ponto fora da curva. IN: MEYER, Dagmar (org); SOARES, Rosângela. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Ed: Mediação. 3. Ed. Porto Alegre, 2013. p. 85-94.

UOL Notícias. **Sexualidade é um presente maravilhoso de Deus, afirma Papa**, 1996-2016, Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/04/08/sexualidade-e-presente-maravilhoso-de-deus-afirma-papa.htm>> Acessado em: 10 nov. 2015.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o **Plano Nacional de Educação (PNE)** – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125).

APÊNDICE



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Orientando (a): Maria Elenita Lima

Orientador (a): Ane Cristine Hermínio Cunha

Pedagogia – 2015.2

Tema: Sexualidade Infantil

“As concepções dos professores de educação infantil sobre sexualidade”

Professor (a): _____

Formação: _____

Especialização: _____

Pós Graduação: _____

Tempo de Atuação: _____

Vínculo empregatício: _____

Idade: _____

Entrevista: Coleta de dados

1. Quando você escuta a palavra sexualidade, o que você pensa?
2. Como você define o termo sexualidade?
3. A partir de que idade devemos falar sobre sexualidade junto às crianças?
4. O que você entende sobre o conceito de gênero?
5. Existe diferença entre meninos e meninas?
6. Quais as principais características das meninas?

7. Quais as principais características dos meninos?
8. Quais as brincadeiras preferidas de meninas?
9. Quais as brincadeiras preferidas de meninos?
10. Qual formação os professores da educação infantil tem para trabalhar essa temática?
11. Seus alunos fazem perguntas sobre sexualidade?
12. Quais são as perguntas mais frequentes?
13. Você contempla algum tema de sexualidade em seu planejamento anual?
14. Que temas são trabalhados?
15. Como você trabalha esses temas?

Ane Cristine Hermínio Cunha
(Assinatura do professor orientador)